

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Dissertação

**O DESENHO INFANTIL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: DAS VIVÊNCIAS ÀS
VALORIZAÇÕES**

Vander Jarabiza

Pelotas, 2009

VANDER JARABIZA

**O DESENHO INFANTIL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: DAS VIVÊNCIAS ÀS
VALORIZAÇÕES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação da Faculdade
de Educação da UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Maria Vaz Peres

Pelotas, 2009

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres – (UFPel / orientadora)

Prof^a. Dr^a. Beatriz Maria Boéssio Atrib Zancheti (UFPel)

Prof^a. Dr^a. Cleuza Maria Sobral Dias (FURG)

DEDICATÓRIA

Aos professores de Educação Básica e seus alunos.

AGRADECIMENTOS

À minha filha, Fernanda Gabriela de Moraes Cardoso Jarabiza, por compreender minha ausência nestes dois anos de mestrado.

Aos meus pais, pela ajuda financeira e apoio.

À Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), pelo afastamento integral.

Ao meu caseiro Carlos, por todo zelo e carinho que teve com minha residência quando de minha ausência.

Ao povo de Pelotas, pela amabilidade e acolhida e ao programa de Pós-Graduação da UFPel.

Aos professores sujeitos desta pesquisa, por dedicarem seu tempo.

À minha orientadora, por ter acolhido esta proposta de dissertação na seleção 2006 e pela orientação ao longo do processo de escrita.

Ao povo do estado do Mato Grosso, por me proporcionar tudo que tenho.

Aos irmãos lassalistas, por me inserirem em um mundo muito além do material.

Ao grupo de estudos GEPIEM, pela colaboração e sugestões.

À Colonizadora Sinop, por ter criado a cidade de Sinop, um lugar que chamo de perfeito e pelo fornecimento de dados para a pesquisa.

A Roger Rellan Thomascheswky, meu melhor amigo em Pelotas, pela companhia e por tudo que me ensinou.

“Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo, corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva e se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuva. Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu...”

(Aquarela, composição: Toquinho/Vinicius de Moraes)

RESUMO

JARABIZA, Vander. **O desenho infantil na prática pedagógica de professores de Educação Básica: das vivências às valorizações.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

A pesquisa apresentada nesta dissertação de Mestrado teve como motor a minha trajetória como aprendiz de professor e como fui me apropriando dos conhecimentos ao longo da caminhada como pessoa e como profissional. Para tal, fui pesquisar o valor do desenho infantil na trajetória de quatro professoras e um professor, da rede pública do município de Sinop-MT. A metodologia está focada no uso das narrativas com nuances de um trabalho biográfico inspirado em Josso (2004). O intuito principal foi o de tornar visível o valor que atribuíam ao uso do desenho infantil em sala de aula, tendo nas lembranças de suas trajetórias educativas, as matrizes potenciais (PERES, 1999) de reservatórios frente possíveis valorizações. Bem como fiz uma tentativa de traçar algumas nuances sobre a influência das referidas lembranças em suas práticas pedagógicas. Foi possível perceber nas professoras e no professor, sujeitos desta pesquisa, que a valorização (ou não) do desenho está permeada pelas influências de suas trajetórias de aprendizagem. A partir dos dados, pode-se inferir que o desenho como um apoio pedagógico não está suficientemente internalizado e objetivado nas suas práticas. Por outro lado, ele aparece como um adereço para tornar a sala de aula mais bonita. Nesse sentido, a pesquisa reforçou o que outras já disseram sobre o quanto as lembranças e as imagens sobre o que aprendemos, em especial nos anos iniciais, são importantes para as aprendizagens posteriores e, sobretudo, para as escolhas que fazemos ao longo da nossa jornada pessoal e profissional.

Palavras-chave: Educação, Imaginário, Desenho infantil, Narrativas autobiográficas

ABSTRACT

JARABIZA, Vander. **The design of teaching children in the elementary school teachers: From the experiences valuations.** Dissertation (Masters in Education) - School of Education, Federal University of Pelotas.

The assignment presented in this thesis as the Masters was the main reason of my career as an apprentice teacher and as I was appropriating of knowledge along the journey as a person and as a professional. For this I found the value of children's drawing in the path of five teachers, public network of the city of Sinop-MT. The methodology is focused on the use of narratives to biographical nuances of a work inspired by Josso (2004). The primary purpose was to make visible the value attributed to the use of drawing children into the classroom, and the memories of their educational paths, the matrix potential (PERES, 1999) of shells against possible valuations. And I did an attempt to draw the influence of such images in their teaching practices. It was possible to see that each of the five surveyed, the design values as an important support in learning. The research reinforced what others have said about how the memories and images related to the learned, particularly in the early years are important for learning and later on all the choices we make throughout our personal and professional journey.

Keywords: Education, Imaginary, Drawing Children, Autobiographical Narratives

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Minha mãe e eu na formatura do pré-escolar	15
Figura 2- Desenho retirado do meu caderno de planejamento de aula de 20 de outubro de 2003	29
Figura 3- Desenho da aluna Elisangela Souza, retirado do meu caderno de planejamento de aula de 20 de outubro de 2003	31
Figura 4- Mapa do estado do Mato Grosso com a localização do município de Sinop.	35
Figura 5- Foto da fundação do município de Sinop, em 14 de setembro de 1974	36
Figura 6- Foto do município de Sinop, em 1978	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Exemplo da técnica dos quadrantes.....	28
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 TRAJETÓRIA, MEMÓRIA e NARRATIVA: MOTIVAÇÕES DESTE ESTUDO	14
1.1 Aprendendo a profissão de professor: o desenho na prática docente	21
1.1.1 A atuação em sala de aula	26
2 LOCALIZANDO A REGIÃO DA PESQUISA, LUGAR DA EMPIRIA	34
3 PERCORRENDO O CAMINHO DA PONTE: DESENHANDO A METODOLOGIA EM BUSCA DE IMAGENS LEMBRANÇAS	40
3.1 Quem são? De onde vem? E o que dizem?	42
3.2 Algumas características	43
3.3 O que lembram e dizem sobre o desenho infantil em sua trajetória	45
4 BUSCANDO APROXIMAÇÕES ENTRE O QUE DIZEM E O QUE EU ME PERGUNTAVA	59
5 CONCLUSÃO OU POSSIBILIDADES DE FECHAMENTO?	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
ANEXO.....	76

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de dissertação foi pensada e escrita tendo como referência os estudos desenvolvidos na linha de pesquisa deste Programa de Pós-Graduação e no grupo de pesquisa onde estou inserido: formação de professores e estudos do imaginário, educação e memória, respectivamente. É destinada, especialmente, aos professores que atuam nos anos iniciais da Educação Básica e outros profissionais que tenham interesse na temática, em especial referente ao uso do desenho infantil em sala de aula. O objetivo da pesquisa é verificar o valor que um grupo de cinco professores de educação básica atribuem ao desenho infantil, através da metodologia das narrativas, tendo como ponto de partida minha trajetória como aprendiz de professor no que se refere ao valor de outros modos de aprender e de ensinar. Tais valorizações inscrevem-se nos processos biográficos deste grupo de pesquisados, em suas trajetórias educativas. O intuito foi mostrar o quanto estas imagens e lembranças poderão possibilitar a valorização deste tipo de linguagem como um dos caminhos para que ensino e aprendizagem sejam ricos de conteúdos simbólicos presentes no imaginário da criança.

O texto tem cinco capítulos assim distribuídos:

No capítulo um, apresento ao leitor um relato de fatos que marcaram minha trajetória e alguns elementos simbólicos que certamente foram capazes de me guiar a um caminho de escolhas e apropriações.

No capítulo dois, mostro ao leitor o panorama do local da pesquisa, a, partir de algumas características sociais e econômicas da região, com o intuito de territorializar o lugar desde onde o empírico aconteceu.

No capítulo três, apresento os sujeitos da pesquisa e suas lembranças acerca das experiências com o desenho infantil em suas trajetórias escolares. Para tal, tenho como mote a seguinte pergunta detonadora: **“Tens alguma recordação ou imagem de quando estavas na escola primária sobre o uso dos desenhos?”**

No capítulo quatro, o foco é a problematização teórica frente aos dados coletados onde procuro tecer uma análise entre o que os professores narram e as teorias que iluminam o objeto de estudo - o uso do desenho infantil nos anos iniciais

da Educação Básica. Não tive como pretensão fazer inferências definitivas, nem tampouco julgar a postura dos professores, sujeitos desta pesquisa, em suas práticas. Mas, sobretudo, apresentar possibilidades à luz das teorias que estudei e aprofundei ao longo destes dois anos de mestrado, buscando interlocuções acerca do uso do desenho em sala de aula por professores da Educação Básica

Finalmente, no último capítulo, busco tecer algumas conclusões com caráter de sugestões e reflexões gerais, tendo como suporte o relato do grupo dos professores sujeitos desta pesquisa, sobretudo no sentido de mostrar a importância de como as diversas formas de linguagens podem potencializar os processos de ensino e de aprendizagem em sala de aula. Neste caso, tendo o desenho infantil como foco.

1 TRAJETÓRIA, MEMÓRIA E NARRATIVA: MOTIVAÇÕES DESTE ESTUDO

Nasci no dia 8 de janeiro, sob a égide de Capricórnio e lua em Áries, na cidade de Guarani das Missões/RS, cidade de colonização polonesa. Desde muito cedo, interessei-me pela cultura desse povo.

Guarani das Missões é uma típica região de poloneses e lá as pessoas costumam reunir-se em colônias ou guetos por desejar a proximidade habitacional e até mesmo por serem minorias. De alguma forma, na Segunda Guerra Mundial, esses guetos facilitaram o nazismo, acarretando o extermínio de muitos poloneses judaicos na Europa. Naquela época, várias pessoas tiveram que viver isoladas em guetos, ou colônias, a maioria sobrevivendo de modo agrário e com falta de recursos, recorrendo à ajuda mútua como esteio de sustentação, em defesa da etnia milenar. Mesmo no Brasil, os imigrantes procuravam viver próximos uns dos outros.

Diante disso, fui assimilando, rapidamente – lembro-me dos meus sete anos – a idéia de que éramos uma etnia inferior, do ponto de vista germânico, e até mesmo da perspectiva euro-ocidental. Verifica-se isso, atualmente, devido aos poloneses serem, na Europa Ocidental, mão-de-obra barata aos países europeus, como França, Alemanha, Inglaterra. É verificado que, em algumas nações do Velho Mundo, muitos imigrantes poloneses saem em busca de novas oportunidades, gerando, assim, certo preconceito dentro da própria Europa Ocidental.

Hoje, considero importante tal percepção para formação de meu caráter, pois quando nos identificamos com tais fatos culturais na infância, vamos assimilando (no sentido piagetiano) um modo de ser, bem como a formação do caráter. Neste caso, fui construindo e acomodando uma postura mais defensiva e observadora diante da vida.

O que me agradava na infância eram as conversas com os avós, pois cresci solitário e essa condição foi permanecendo com o passar do tempo. A falta de um irmão inquietava-me, pois tinha apenas uma irmã, e os diálogos referentes à cultura européia faziam parte de meu cotidiano. Lembro-me de que era fascinado pelas

histórias de vida de meus ancestrais e, hoje, penso que isso despertou em mim uma atitude migrante. Saí da casa dos meus pais e fui morar em outra cidade (Carazinho/RS), migrando, assim, para fazer meu Ensino Médio: o Magistério, curso que sempre desejei. Depois, novamente, migrei para trabalhar como professor no norte do Mato Grosso.

Na minha infância, minha mãe era professora da rede estadual, numa escola de colonização polonesa. Por opção, lecionava na zona rural. Dizia que as crianças da cidade eram muito marotas e o salário com difícil acesso era, na época, 100% maior.

Acompanhava minha mãe e era lá, na zona rural, que eu me sentia livre, muito livre, mesmo tendo nascido na cidade e sempre vivido lá. Inseri-me no mundo educacional tendo a escola como primeiro abrigo, aprendizagem e minha mãe como minha primeira professora. Lá, eu era feliz. Por quê?

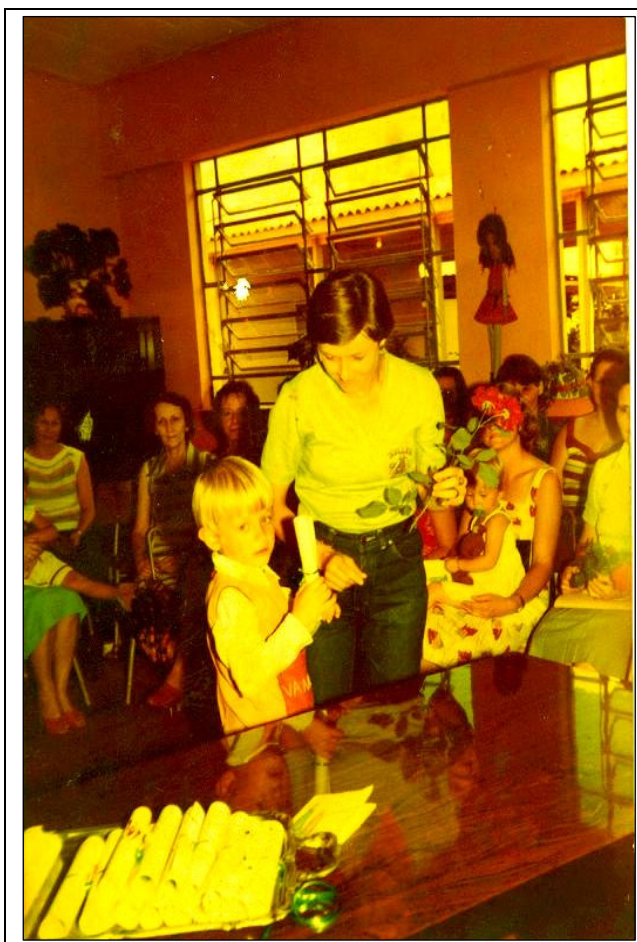


Figura – 1 (Minha mãe e eu na formatura do pré-escolar)
Fonte: JARABIZA, 2009.

Lembro-me de que estava numa turma multisseriada. Minha mãe era diretora, zeladora, secretária e também minha professora. Entre seus afazeres, desde um balde d'água para lavar o chão da escola, reuniões de diretoras na Delegacia de Educação, mais as atividades docentes; sobrava mais tempo para eu aprontar minhas peraltices de criança. Não precisava ficar em casa sozinho, na cidade, aprontando; assim, ficava eu na colônia, na escola rural.

Eu tinha os filhos dos colonos como meus amigos e eles iam para a escola mais para aprender a falar Português do que propriamente para estudar. Como falava fluentemente o idioma polonês, minha mãe ajudava-os a aprender Português.

Lembro-me daqueles tempos da escola na colônia: havia jardim de flores, bosque e pomar e uma garagem, gentilmente construída, para guardar o Fusca da professora.

As salas de aula eram bonitas, cheias de desenhos nas paredes. Até hoje recordo que havia um desenho das quatro estações do ano, havia quatro quadrantes e em cada quadrante um aspecto climático e também outros desenhos que nós fazíamos. Nessa época, eu ainda não estudava os conteúdos formais, eu apenas desenhava, enquanto minha mãe lecionava.

Minha brincadeira favorita era desenhar em cima de matrizes¹. Sempre achei curioso passar folhas no mimeógrafo. Achava interessante a reação química com o álcool e, assim, brincava de desenhar e de ser professor; até me tornar o que hoje sou: professor de séries iniciais. Destino ou convergência de outras trajetórias em mim? Como poderia exercer outro ofício senão ao que hoje me dedico?

Meus problemas de adaptação à escola iniciaram quando fui matriculado numa escola de freiras de minha cidade. Meus pais assim decidiram até como forma de me adaptar ao meio urbano do qual fazia parte. Que coisa horrível! Nunca imaginei que minha vida pudesse ter tido tamanha marca negativa. E o pior ainda estava por vir... Nem imaginava que passaria anos e anos naquele ambiente horrível. A escola, os professores e os colegas de aula foram, na minha história inicial de escolarização, um grande drama.

Nesse primeiro ano, tudo foi muito difícil. Passava o recreio sempre sozinho e, por meu azar, acho que durava uns trinta minutos. Era uma eternidade e eu sempre

¹Matrizes: folhas carbonadas nas quais se desenha ou se escreve e que são passadas, com álcool, num aparelho chamado mimeógrafo, com o objetivo de reproduzir cópias daquilo que se deseja, muito utilizado, inclusive, em minha prática pedagógica.

sozinho. O que eu mais gostava era de ir até uma gaiola de passarinhos, vê-los aprisionados, na ala residencial das freiras. Lá, sim, era mais calmo, eu podia olhá-los e aproveitar a solidão. De certa forma, eles eram meus companheiros de jornada.

Mas, geralmente, era mandado de volta por uma freira, pois aquele local era proibido, por elas, para alunos. Então, era obrigado a voltar para a parte da escola onde o barulho era intenso.

Durante esse ano, não fiz nenhum amigo na escola. Passei o tempo todo sozinho e, no final, reprovei.

No ano seguinte, fui transferido para uma escola estadual, onde tudo piorou. Fui reprovando de forma sistêmica. Acredito que reprovei quatro vezes até a 4ª série. Nesse período, ia à psicóloga todas as quartas-feiras. Também iniciei o tratamento neurológico. Realizei exames de eletroencefalograma e nada de anormal foi constatado, mas, mesmo assim, o neurologista receitou-me uma medicação, da qual não sabia a finalidade. Sei que me dava mais sono, o que acabou acentuando minha dificuldade de aprendizagem. Minha mãe contou à professora sobre o uso do medicamento e ela, por sua vez, contou aos meus colegas. Às vezes, as crianças entendem os fatos de maneira diferente e a fama, por causa do remédio, se espalhou pela escola, o que, por consequência, diminuiu a possibilidade de eu ter um possível amigo naquele lugar.

Enquanto isso, minha mãe continuava a lecionar lá na colônia, sempre de manhã, pois dizia que não gostava de cozinhar. Nessa época, tínhamos duas empregadas, pois a casa possuía 25 cômodos; à tarde, minha mãe ia trabalhar com meu pai.

Meu pai não acompanhava meu desempenho escolar, estava mais interessado em construir casas para alugar e viajava muito a São Paulo a negócios ou para comprar matéria-prima para a fabricação de calçados. De lá, sempre me trazia pão francês, pois na padaria da cidade só havia pães grandes e os de São Paulo eram pequenos e bonitos. Ver meu pai chegar das viagens sempre era uma surpresa agradável e o pão e os presentes eram algo que nos unia.

Minha relação com meu pai não era das melhores, ele era muito ocupado. Penso que, por conta disso, nessas horas, eu ocupava meu tempo e gastava minhas energias em atividades das quais gostava muito, como, por exemplo, colecionar selos.

Assim, descobri a Filatelia². Minha vida passou a ter sentido, uma vez que ia fazendo os contatos internacionais para adquirir selos e cartões postais. Mandava cartas à BBC de Londres, para a Voz da América e para vários locais da Europa e Estados Unidos. A fim de adquirir meu material, eu escrevia cartas de próprio punho. Ressalvo que na escola não era capaz de escrever um “a” no caderno, ou seja, eu nada fazia dentro da sala de aula. Em resposta às minhas cartas, eles (BBC de Londres e Voz da América, por exemplo) respondiam-me com selos e cartões postais da Europa. Nesse período (10 anos), com essa atividade, que muito me ocupou, comecei a me despreocupar com os problemas da escola.

Ser colecionador de selos e de cartões postais exigia vários saberes que eu precisava estudar. E estudava muito, mas só aquilo que, na época, não se ensinava na escola ou, pelo menos, nas séries iniciais nas quais eu estava matriculado. Com a minha atividade filatélica, tive que aprender, rapidamente, a traduzir selos e cartões postais, para saber de onde eram; tinha de ser hábil em Geografia e em História, para poder olhar e entender as imagens e de que locais eram. Isso me deixava feliz!

Era uma viagem que me tirava do lugar onde eu vivia, onde eu sofria, onde eu não era feliz. Ao olhar aquelas imagens, eu tentava viajar pelos locais de origem, buscar uma outra vida, ir para um outro local, a lugares bonitos, onde eu projetava uma vida nova, um novo lugar, onde eu iria ser feliz. Também tinha que aprender a construir álbuns, pois minha coleção não cabia em álbuns comprados, uma vez que já possuía milhares de selos. Então, aprendi a fabricar álbuns.

Lembro que, com quatorze anos, ainda estava na 4ª série. Foi quando tive uma professora que não era do lugar. Seu nome era Gessi Terezinha e ela morava em Santo Ângelo/RS. Ela vinha de manhã e só ia embora à noite. Era mais velha, já tinha cabelos brancos. Chegou dizendo que não tinha experiência como docente e que havia feito faculdade depois de aposentada. Isso me assustou um pouco, pois minhas aprendizagens me ensinaram que a imagem de sabido era fundamental.

Na primeira semana, tudo foi como sempre: o não fazer nada em sala de aula era questão de honra para mim, era minha identidade; eu já havia assimilado há tempos que era o burro da classe e todo mundo já sabia que eu tinha problema e tomava remédio. Contudo, eu até gostava da nova professora; ela era tão diferente,

² Filatelia: hábito e gosto de colecionar selos de correio. (Dicionário Aurélio, p.321)

parecia de outro mundo. Comecei a ir para aula sempre mais cedo, só para conversar com ela.

O interessante e o que me chamava a atenção era que ela não fazia o recreio na sala dos professores (com os colegas dela) e caminhava no pátio da escola com a cabeça baixa e sozinha. Ainda lembro que sempre trazia um pão em um guardanapo branco, desenrolava-o e comia-o. Essa é uma imagem que me vem de forma tão atual: o pão, a professora Gessi e a solidão.

Na época, eu tinha a intuição de que ela também não era aceita pelas colegas professoras, assim como eu também não era. Dessa forma, fui percebendo que ela era diferente; passei a amá-la e a admirá-la mais ainda e assim foi se desenvolvendo uma relação e, posteriormente, uma sincronicidade³.

Um dia, ela estava com uns álbuns de fotos dos parentes dela, de Paris. Isso me deixou muito feliz, pois eram locais que eu sabia onde ficavam. Com o tempo, passei a gostar dela e parecia ser correspondido. Alguém gostar de mim era bem difícil.

Em certa ocasião, ela teve a idéia de fazer um Herbário, um álbum tipo classificador, no qual iriam as partes das plantas. Iniciamos a tarefa de classificar no Herbário todas as partes da planta, usando as próprias plantas secas e também desenhos. A atividade durou praticamente dez meses. Tínhamos um horário definido e estudávamos outros assuntos, mas o Herbário era trabalhado toda a semana, durante todo o ano letivo.

Senti-me muito feliz, pois eu era muito bom em fazer álbuns e já sabia, há anos, como fabricar os meus próprios. Ajudei meus colegas e também fiz o meu. Foi um cotidiano diferente, pois me sentia útil e aceito, fazendo algo importante. Ao final do ano, fui aprovado. Não é necessário mencionar que aquele foi o meu melhor ano.

Na 5ª série, tive que estudar no noturno, pois já tinha quinze anos e minha mãe me informou que minha matrícula no diurno fora negada devido à minha idade. Esse

³ Sincronicidade: Segundo Carl Gustav Jung, é um termo para designar o que, no senso comum, chamamos de coincidências. Para ele, sincronicidade é um estado psíquico para explicar aquilo que a interpretação casual não consegue dar conta. Neste sentido, o arquétipo do diferente relativo ao modo como a professora Gessi mostrava-se, filiou-se ao meu. Ou seja, o mesmo estado psíquico ou pelo menos uma probabilidade de encontros psíquicos, com suas lições que, segundo o autor citado, ensinam rumo ao processo de individuação. Assim, a representação da profª Gessi, andando sozinha, aponta para um arquétipo ao qual eu também estava identificado, tal como o do andarilho, solitário, à margem. Ela enquanto *senex* e eu como *puer*, ou de lugar; ela professora e eu estudante, mas ambos andando sozinhos pelo pátio, representando o mesmo estado psíquico.

período foi muito bom; até a oitava série, era um dos melhores alunos da escola noturna. Minhas notas eram altas e tudo começava a fazer sentido para mim.

Ao final do ano em que concluía a Educação Básica, iniciei contato com a Pastoral Vocacional dos irmãos lassalistas. Lá, fiz amizades e participei de retiros em diferentes cidades.

No ano seguinte, fui escolhido em uma competitiva seleção (que durava um ano) para ingresso na casa de formação, em Carazinho/RS, onde, no Colégio La Salle, iria fazer o Ensino Médio. Nem acreditei que seria aceito, pois havia dezenas de candidatos que, certamente, eram mais bem preparados do que eu, e ingressar no colégio La Salle era algo que eu nem imaginava que conseguiria.

Só bem mais tarde fiquei sabendo que meninos com problemas de aprendizado também eram bons na vida. Só mais tarde vi que figuras como Newton, Einstein e também o médico-educador Ovide Decroly eram pessoas com problemas na Escola Primária.

A vida havia sido difícil e parecia contraditório, paradoxal e também doloroso eu escolher o curso de Magistério e não o Científico, ou, ainda, não seguir a carreira de comerciante como meu pai – o que era o desejo dele – e, financeiramente, seria a melhor escolha.

Mas eu queria fazer algo melhor do que tive na vida. Quem sabe ser um professor melhor do que aqueles que tive. Ser um professor que não humilhasse e maltratasse seus alunos na escola ou, quem sabe, fazer Magistério seria um momento de rever meu passado ou até mesmo fazer o que sempre fiz: viver, desde que nasci, dentro de uma escola, pois, bem ou mal, essa sempre fora a minha vida – viver, brincar, comer e quase dormir dentro de uma escola. Por esses motivos, escolhi fazer o curso de Magistério no Ensino Médio.

Embora se trate de um caso particular, este relato poderia ser “generalizado” para muitos outros casos que aí estão, diante dos professores, no cotidiano da sala de aula e mantidos em silêncio.

Hoje, cheguei ao Mestrado em Educação e venho estudar o desenho infantil como sendo uma das possibilidades, ou como ferramenta pedagógica para melhorar os processos de ensino e de aprendizagem. Dizendo de outro modo, desejo conhecer o valor que os professores atribuem ao desenho, aqui concebido como uma possibilidade de exercitar outro tipo de apropriação e objetivação do conhecimento. A

esta modalidade, os estudos no campo do imaginário, especialmente Gilbert Durand chama de “conhecimento indireto” (DURAND, 2000).

Tendo em vista a minha trajetória pessoal e a apropriação dos conhecimentos ao longo da vida, sobretudo o papel da professora Gessi na minha vida e como aprendiz, percebo, hoje, que o “conhecimento indireto” foi a porta de acesso para minha integração na turma, tendo o herbário como elo de ligação e de correlação com as outras demandas cognitivas que necessitava aprender, pois via racionalidade objetiva não a compreendia e nem me interessava naquele momento.

Saliento que não estou propondo um estudo sobre problemas de aprendizagem, mas a busca, nos professores, do valor que atribuem ao desenho, obviamente motivado pelos descaminhos em minha trajetória inicial.

1.1 Aprendendo a profissão de professor: o desenho na prática docente

O criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e viver se interligam. (FAYGA OSTROVER, 1987, p.05)

No ano de 1995, após ter sido selecionado para ingressar na Congregação Lassalista⁴, iniciei o Curso de Magistério. Frequentava, no horário matutino, o Curso de Magistério do Colégio La Salle, de Carazinho/RS, e morava na casa de formação Juvenato Lassalista, onde, à tarde, havia mais aulas de formação, bem como atividades ligadas a estudos, esportes, reflexões espirituais. À noite, ficava estudando e revendo as tarefas de aula.

Esse ambiente de estudos em tempo integral foi importante para minha formação como professor, pois, nessas horas, conheci os teóricos vistos no Curso de Magistério, como Jean Piaget, importante no aprofundamento da Psicologia do Desenvolvimento. Também conheci os Clássicos da Psicologia, como Sigmund Freud e Carl Gustav Jung. Pertencia a uma congregação que visava a formação para o Magistério e o serviço educativo aos pobres. Naquele momento de formação, buscava atuar, no exercício profissional, de acordo com a biografia de pessoas como João Batista de La Salle, Paulo Freire, entre outros; sempre numa perspectiva lassalista de

⁴ A Congregação Lassalista foi fundada no dia 26 de junho de 1680, em Reims, França, por João Batista de La Salle, como uma comunidade de professores que, por voto religioso, comprometeram-se a ser educadores. Embora não sendo padres, consagraram-se à vida religiosa e fundaram a escola popular em Reims, França. João Batista de La Salle é considerado o introdutor do ensino popular naquele país, bem como o patrono do Curso de Magistério.

que o Magistério era uma vocação religiosa e uma doação integral de vida, havendo, portanto, a necessidade do celibato e o desprendimento aos bens materiais.

Com Paulo Freire aprendia a compreender a escola como forma de inclusão social numa sociedade excludente, tendo o ponto de vista econômico como referência. A partir dele “fui aprendendo, de um lado, a dialogar mesmo com a classe trabalhadora e, de outro, a compreender a sua estrutura de pensamento, a sua linguagem; a entender o que eu chamaria de terrível malvadeza do sistema capitalista”. (FREIRE, 1986, p. 96)

Assim, também fui compreendendo que a exclusão educacional não era apenas psíquica, como a vivenciada por mim, mas também havia uma outra exclusão do ponto de vista econômico e social, além da exclusão étnica vivenciada por povos ditos menos importantes de algum ponto de vista.

Conheci, nessa época, quase todas as escolas lassalistas do Rio Grande do Sul, bem como as diferentes abordagens metodológicas no ensino. Havia escolas para classe média alta, classe alta e também as gratuitas assistenciais. Em 1998, visitei o Colégio Gonzaga de Pelotas e também a Escola Assistencial Hipólito Leite. Dois educandários quase iguais do ponto de vista pedagógico, mas com clientelas de diferentes condições sociais.

Nesse período de formação (1994 a 1998), inquietava-me com o quanto é difícil achar um elo de ligação com o conhecimento no trabalho com crianças com dificuldades de aprendizagem.

Nesse viés, fui escolhendo caminhos epistemológicos para ser um bom professor e buscando nos teóricos conteúdos e epistemologias que me ajudassem a compreender as diversas situações pedagógicas e a trabalhar melhor tais problemas do cotidiano em sala de aula. Pareceu-me que Jean Piaget aproximava-se mais das minhas necessidades de aprendiz de professor e com ele fui entendendo o sistema de representação e a construção do sistema de representação. Piaget foi um grande precursor e influenciador de teóricos e pesquisadores em diversas áreas.

Na educação, podemos citar Emilia Ferreiro. A partir da teoria do mestre, elucidou e sistematizou o processo de construção da leitura e da escrita. Em seus estudos teve a escrita como objeto de estudo. Segundo ela:

O desenvolvimento da escrita na criança prossegue ao longo de um caminho que podemos descrever como a transformação de um rabisco não-diferenciado em um signo diferenciado. Linhas e rabiscos são substituídos por figuras e imagens, e estas dão lugar a signos. Nesta sequência de acontecimentos está todo o caminho do desenvolvimento da escrita, tanto na história da civilização como no desenvolvimento da criança. (FERREIRO, 1997, p. 154)

Fui então me preparando para, no futuro, ao encontrar meus alunos, quando professor formado, inseri-los ao mundo da linguagem. Eu sabia que tinha que estar preparado para ensinar a criança a ler e a escrever, mas sabia também que esse meu aluno chegaria à escola com sua experiência de vida. Nesta perspectiva, fui aprendendo que:

Diferenciar ler de falar parece-nos um fato sumamente importante, dado que se trata de crianças que não são leitoras no sentido tradicional do termo. Nenhuma delas sabe ler, porém a maioria sabe muitas coisas específicas sobre a atividade de leitura e sua significação. (Emília Ferreiro & Ana Teberosky, 1986, p.163)

Neste momento de formação, vamos percebendo que nosso futuro aluno, mesmo proveniente de uma família analfabeta, possui um repertório gráfico grande e vários saberes, assim como relata Ferreiro & Teberosky. Portanto, temos que ter a sensibilidade ao escolhermos nossos métodos de ensino, trazermos para a sala de aula tudo que pode ser usado e seja um facilitador no ensino desse futuro aprendiz.

Na época de aprendiz de professor no Magistério, tive como influenciadora nos estudos de Piaget a professora e psicóloga Walesca Machado Walber. Lembro que ela tinha vinte e seis anos de idade e fazia Mestrado em Psicologia. Foi minha primeira professora com esse grau de instrução (Colégio La Salle Carazinho-RS, 1995 a 1997); ela era fantástica em seus conhecimentos de Psicologia e uma apaixonada por Piaget. Suas aulas e o estudo de Piaget tratavam do processo de imaginação das crianças.

Nós, alunos, nas aulas de Psicologia, tentávamos compreender o universo infantil e como se constituía o esquema de apropriação do mundo fora da criança, ou seja, de simbolizar, de imitar, de criar e como elas, em processo de desenvolvimento biológico, iam assimilando e acomodando o mundo com seus objetos de conhecimento.

Então, fui organizando e decidindo as minhas bases teóricas bem como me identificando com meus formadores, juntamente com as disciplinas didáticas do curso

de Magistério: Didática Geral, Didática do Ensino Religioso, Didática da Matemática, Didática das Ciências, Didática da Linguagem, Metodologia do Ensino Infantil, Estrutura e Funcionamento do então 1º e 2º graus, entre outras. O Magistério é um curso de Ensino Médio no qual se procura “aprender a dar uma boa aula”. Penso que para ser professor também é necessário ter essa dimensão técnica bem sólida, mas não só...

Em 1997, concluí o curso de Magistério e, em 1998, fui transferido de Carazinho/RS, onde fui fazer o estágio na cidade de Esteio/RS, na Escola Tricentenário La Salle. Finalmente, professor “formado”!

Escolhi estagiar na 4ª série, pois as turmas de 1ª a 3ª série me traziam péssimas recordações do meu tempo de estudante dessas séries iniciais. Com medo de fracassar, agora do lado de “lá” da mesa, a do professor, preferi lecionar na 4ª série; o mesmo adiantamento no qual lecionou a professora Gessi, na época em que eu ainda sentava na classe de aluno, ou seja, o lado de “cá”.

Meu primeiro ano de trabalho foi algo muito significativo e pude ir fazendo-me professor; a turma não era grande, apenas dezoito alunos. Também estudava no período matutino, na UNILASSALE, em Canoas/RS, onde frequentava o curso superior na área de Filosofia Religiosa Católica. Assim, fui vivendo e sendo aprendiz de professor, sem perder de vista a singularidade e os problemas que cada um de meus alunos apresentavam, sem nunca esquecer os problemas enfrentados do lado de cá e do lado de lá da mesa.

Uma curiosidade que tive, ao lecionar nesse meu primeiro ano, foi o desenho infantil e como a criança representa seu mundo, seu viver através do desenho e também como ele pode comunicar algo de seu universo, de seu imaginário de criança, de seu cotidiano e também de seu íntimo e as noções da realidade, neste sentido:

As noções que vamos ganhando da realidade do mundo e de nós mesmos elaboram-se em nossa mente através de imagens. Guardemos bem este aspecto fundamental de nossa imaginação: percebemos, compreendemos, criamos e nos comunicamos, sempre por intermédio de imagens e formas. (OSTROWER, 1990, p.51)

Ao trabalhar, inicialmente, com os desenhos das crianças em minha prática docente, fui percebendo a relação direta entre o desenho e o desenvolvimento do grafismo infantil, e dois autores ajudaram-me a perceber algo: Piaget, focalizando o

sujeito do ponto de vista epistêmico e Vygotsky, contemplando-o do ponto de vista social. Tais autores aproximam-se ao perceberem a relevância do desenho no processo de desenvolvimento da criança; a característica de que a criança desenha o que lhe interessa, representando o que sabe de um objeto. Dessa forma, eu não esperava que meu aluno desenhasse algo “bonito” ou mesmo a realidade esquemática; estava também tratando, nos dizeres de DURAND (2000), do “conhecimento indireto” e também o que Fayga Ostrower nos diz a respeito da percepção através de imagens, formas.

No ano de 1998, houve uma mudança de rumos, pelo menos geográfica. Resolvi sair da congregação e abandonar as aulas na Escola Tricentenário La Salle, de Esteio/RS. Foi um acontecimento sem muitas reflexões ou crises vocacionais. No dia 1º de outubro de 1998, decidi abandonar a vida lassalista e também sair do estado do Rio Grande do Sul. Finalmente, no dia 4 de outubro, parti em definitivo para a cidade de Sinop/MT, onde residia e trabalhava minha irmã, pois ouvi falar que lá era uma terra cheia de farturas e quem sabe eu poderia ser feliz.

Ao chegar ao norte do Mato Grosso, especificamente à cidade de Sinop, inicialmente não trabalhei como docente, pois cheguei em outubro, época direcionada ao fim do ano. Somente no ano seguinte saiu o edital do Concurso Público Municipal para preenchimento das vagas de professor. Nesse período, procurei estudar para o vestibular, pois a cidade, naquele ano, já possuía duas universidades públicas, sendo uma Federal (UFMT-SINOP) e a maior, a Estadual (Unemat). Além da preparação para o vestibular, estudei para o Concurso Público do Magistério e trabalhei em uma loja de calçados – uma das atividades exercidas por minha família, no sul.

No ano de 1999, passei, no mesmo mês, para os vestibulares de Letras, na Unemat, e também para o bacharelado em Ciências Contábeis, na UFMT. Aí, tive que optar por uma das universidades públicas. Escolhi o curso de Ciências Contábeis. No mesmo ano, efetivei-me em 40 horas como professor municipal. Preferi fazer um curso universitário diferente de minha área de atuação, pois queria vida nova: novas experiências, novos rumos – queria deixar de ser professor, quem sabe ser um Bacharel.

As dificuldades em sala de aula, a indisciplina dos alunos, o alto grau de estresse dentro da sala de aula, o cotidiano cultural diferente do vivido por mim, no Rio Grande do Sul, eram canalizados no curso de Ciências Contábeis, pois, dessa forma, eu projetava, um dia, uma profissão diferente. Pura heresia... Percebi que o

bacharelado em Ciências Contábeis não me preenchia plenamente, mas não desisti, apenas me matriculei na modalidade de férias no curso de Licenciatura em Pedagogia. Aí, sim, minha vida fez mais sentido. Estava bem atarefado, fazendo dois cursos superiores, trabalhando 40 horas semanais, mas eu gostava de viver assim.

1.1.1 A atuação em sala de aula e os elementos que potencializaram a aprendizagem de meus alunos

Lecionei cinco anos na 4ª série (14/02/2000 a 30/06/2005), pois me identificava com a turma e com a faixa etária das crianças. Talvez isso tenha sido influência de eu ter gostado de estudar na 4ª série e de ter sido resgatado pela professora Gessi, grande influência em minha vida! Um verdadeiro “Momento Charneira”: (JOSSO, 2004)

Momentos ou acontecimentos charneiras são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas”, poderíamos dizer: Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de uma articulação. Esse termo é utilizado tanto nas obras francesas quanto portuguesas sobre história de vida, para designar os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida. (JOSSO, 2004, p.64)

Ou seja, comecei a gostar de estudar, através da ação da professora Gessi ou, poderia dizer, naquele momento as propostas pedagógicas dela foram o meu “Momento Charneira”, uma vez que suas atividades e ações foram profundamente significativas em minha vida e em minha formação.

Nessa época em que atuei como docente da quarta série, “cunhei” uma técnica para trabalhar o desenho e a linguagem que chamo de técnica do uso dos quadrantes, para trabalhar a produção de texto, pois meus alunos tinham dificuldades em fazer produções de textos, no estilo de redações, com parágrafos, linhas.

Além disso, eu também estava querendo despertar as dimensões psíquicas, através da imaginação e da criatividade, juntamente com o desenvolvimento das habilidades artísticas e a expressão da linguagem que advêm do imaginário dos alunos, estimulando, através do desenho, a livre expressão, eu diria: “uma imaginação na ação” e não uma imaginação utópica: “A imaginação e a ação embora entrelaçadas no trabalho artístico, ainda assim representam dois modos de ser

distintos, dois âmbitos de ser, cada qual com seus limites, suas possibilidades e impossibilidades” (OSTROWER, 1990, p.221)

Estava, portanto, querendo que meu aluno, muito além de imaginar, fosse hábil em representar esses frutos de sua imaginação, através da escrita, bem como através dos desenhos nos quadrantes.

Estaria eu presentificando⁵ a minha sala de aula de 1ª série, onde havia o cartaz com os quadrantes das estações do ano?

Fui então percebendo o dia a dia dessas atividades pedagógicas com um olhar de “professor pesquisador”. Lembro que no curso de Pedagogia li Lawrence Stenhouse, que me inspirava como docente investigador de minha prática em sala de aula a ter esse olhar para minha própria prática. Dizia ele: “Todo professor deveria ser pesquisador, e a investigação de sua prática pedagógica levaria ao ser pesquisador”. (STENHOUSE, 1987, p.56)

A técnica adotada para estimular o desenho infantil à livre expressão e a imaginação na ação foi a dos quadrantes, pois trouxe um bom resultado, por atrair o interesse dos alunos pelas atividades propostas em aula. Basicamente, consiste em dar uma folha sulfite **A4** aos alunos. Primeiramente, dividi-la em duas, dobrando rapidamente com as mãos e apertando forte com os dedos, as próprias dobras, para ter margens bem definidas, não precisando usar régua. Dessa maneira, continua-se dobrando a folha ao meio para que, ao aberta, ter-se 8 quadrantes de igual tamanho, sendo todos os 8 espaços de igual tamanho.

⁵ Presentificar, na perspectiva dos estudos do imaginário, é tornar presente algo ausente que tem valor simbólico na trajetória do ser humano.

Exemplo: TÉCNICA DOS QUADRANTES

1	2	3	4
5	6	7	8 final

Tabela 1 – Exemplo da técnica dos quadrantes, representando uma folha A4

Nesses quadrantes eram trabalhados os diversos conteúdos da grade curricular através dos desenhos, pois mesmo se meu aluno não se comunicasse de forma alfabética, no desenho ele interpretava e re-interpretava o texto que eu estava trabalhando. Edith Derdyk (1990, p. 63) afirma que, mesmo que os desenhos sejam indecifráveis para nós, adultos: “Seus rabiscos provêm de uma intensa atividade do imaginário. O corpo inteiro está presente na ação, concentrado na pontinha do lápis”.

A seguir, o exemplo de como eu trabalhava com o desenho em uma folha sulfite, A4.

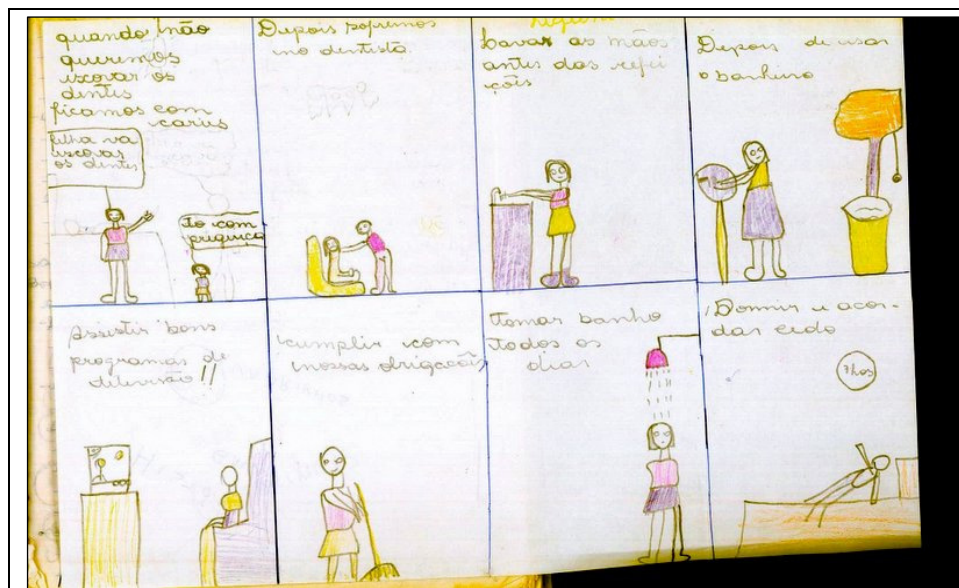


Figura 2 - Desenho retirado do meu caderno de planejamento de aula de 20 de outubro de 2003

Fonte: JARABIZA, 2003⁶.

Da infância à idade adulta, da quarta série ao curso de Magistério, do curso de Magistério à Pedagogia e, posteriormente, na Psicopedagogia, fui trilhando um caminho e nesse caminho buscando soluções e ações para que a sala de aula fosse algo diferente, algo significativo, sempre em busca de alternativas, para que aluno e professor possam estar em sincronia no sentido junguiano e ambos possam desempenhar seus papéis e terem sucesso.

O que eu fazia naquela 4ª série era quem sabe o que eu poderia fazer, mas sabia que não era o suficiente e sabia que tudo aquilo era importante; não tinha leituras acadêmicas bem interiorizadas, pois era professor somente com o Ensino Médio – o Magistério, mas eu pressentia que estava fazendo algo importante e sabia que “O conhecimento adquirido sem apropriação existencial, vazio de conteúdo vivido, torna-se vazio de repertório gráfico”. (DERDYK, 1989, p. 127)

Essa intuição que sentia em relação ao desenho infantil e ao modo que meus alunos estavam se apropriando dos conhecimentos através da técnica dos quadrantes temos, em Fayga Ostrower (1987), importante compreensão:

⁶ Desenho retirado do Plano de Aula número 157, do dia 20 de outubro de 2003, do meu Caderno de Planejamento das Aulas. O tema da aula foi Higiene e Saúde; após ser passado o texto, no quadro, aos alunos, como tarefa de interpretação do texto tiveram essa tarefa.

Do mesmo modo que a percepção, a intuição é um processo dinâmico e ativo, uma participação atuante no meio ambiente. É um sair de si e um captar, uma busca de conteúdos significativos. Os processos de perceber e intuir são processos afins, tanto assim que não só o intuir está ligado ao perceber, com o próprio perceber talvez não seja senão um contínuo intuir. (p.66)

Meus alunos estavam desenhando e representando de sua forma o que víamos em sala de aula e também muitos deles melhoraram na escrita gráfica. Portanto, satisfeito não estava, mas eles estavam aprendendo e melhorando. Então, minha intuição e minhas ações estavam indo no caminho rumo à aprendizagem significativa.

A técnica dos quadrantes foi um achado em minha prática pedagógica, o momento em que percebi o valor e a potência do desenho das crianças como momento de transcrição do imaginário, bem como uma técnica simples de trabalhar e motivar meus alunos a produzirem algo significativo em relação aos conteúdos que deveriam ser vistos ao longo do ano letivo.

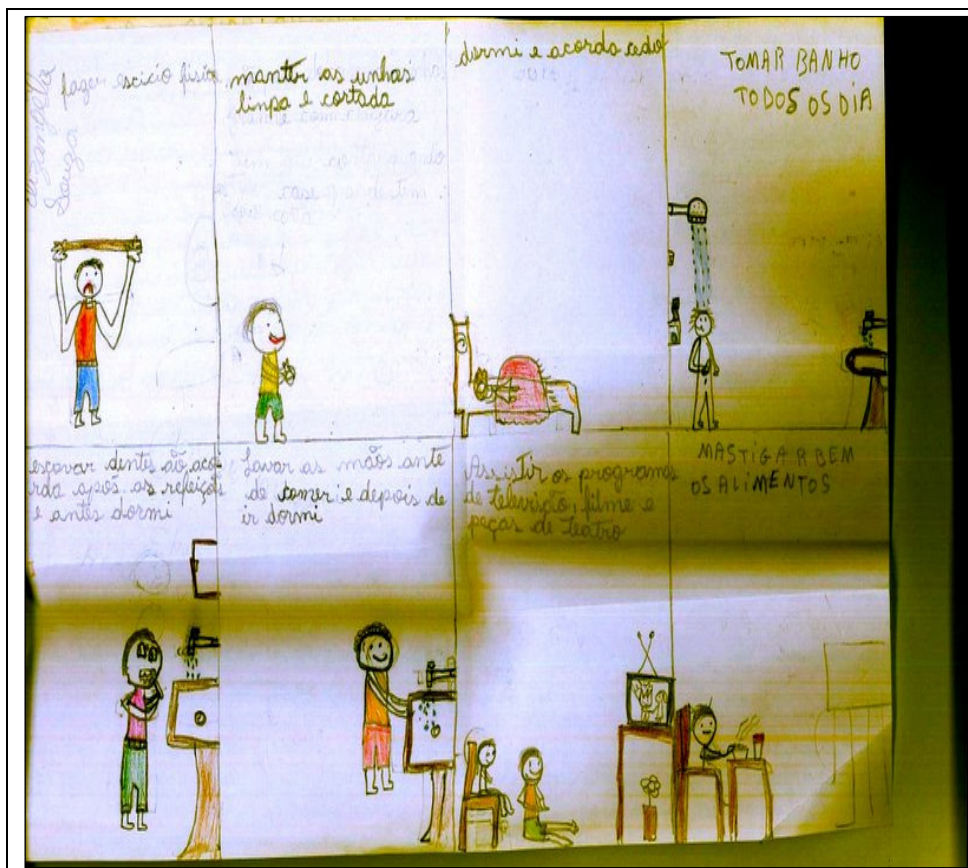


Figura 3 - Fonte: JARABIZA, 2003. Também se encontra no Plano de Aula da 4ª série do dia 20 de outubro de 2003; autoria de Elisangela Souza⁷.

Observamos que este segundo desenho tem alguns aspectos diferenciados do anterior, pois o anterior tem nuances de história em quadrinhos com personagens e cenas semelhantes, tendo uma tendência de contar uma história; já o segundo desenho mostra, em alguns dos oito quadrantes histórias isoladas, apesar de que, da cena quatro à seis haja uma sequência que Elisangela assim achou para comunicar algo. Então, tanto o aluno do desenho um como Elisangela mostraram ao leitor sua forma de comunicar o que aconteceu naquele dia 20 de outubro de 2003; ambos livremente, a partir de um tema pré-estabelecido, mostram sua visão de mundo, transcrevendo essa visão através de desenhos e palavras.

⁷ Quanto ao desenho da aluna Elisangela Souza, é interessante observar a riqueza de detalhes e também a relação com a riqueza simbólica do texto em relação às cenas, ou seja, ela consegue sintetizar em pequenos textos (micro texto do ponto de vista quantitativo) palavras de tamanho reduzido com cenas simples e ricas de detalhes. A cena do quadrante um mostra exercícios físicos no desenho e, na parte escrita, a cena três, por exemplo, ela consegue mostrar ao leitor que a cama tem olhos e bem abertos; talvez seja para comunicar um olhar sobre a hora de dormir ou acordar, como ela desenha e relata no texto, mas como saber? Se no imaginário de Elisangela texto e desenho servem para comunicar seu mundo, sua vivência e principalmente o que aprendeu na aula no dia 20 de outubro de 2003.

Essa era basicamente a técnica dos quadrantes, criada por mim, inspirado nas histórias em quadrinhos. Nessa época, ainda não era acadêmico de nível superior, mas atuava como docente de 4ª série.

Durante o curso de Mestrado, conheci a obra de Analice Dutra Pillar. No pensamento dela, o desenho expressa uma forma conjunta de refletir e pensar sobre algo. Diz a autora: “O desenho como registros de experiências é uma atividade que possibilita a criança a documentar vivências, pensamentos, alegrias, perdas, enfim, tudo que lhe é significativo”. (PILLAR, 1986, p. 60)

Portanto, eu estava no caminho do imaginário, mesmo sem saber, especialmente ao fazer algo para documentar e expressar outro tipo de conhecimento que não fosse somente o conhecimento lógico. Neste sentido, o imaginário dos alunos expressava-se e eu buscava articular na prática a teoria vista no plano de ensino que teria que ser trabalhado ao longo do ano letivo. Nos dizeres de Habermas (apud. MARQUES, 1990), quando reflete os saberes, através da experiência, ele expressa o que desejo demarcar:

Experiências quebram a rotina daquilo que é auto-evidente, constituindo uma fonte de contingências. Elas atravessam expectativas, correm contra modos costumeiros de percepção, desencadeiam surpresas, trazem coisas novas à consciência. Experiências são sempre novas experiências e constituem um contrapeso à confiança. (p.85)

Confiança! Palavra tão cara a um professor de Educação Básica, e era o que percebia ao executar a técnica dos quadrantes, quando ao ver o aluno retratar sua visão de mundo, até mesmo pelo aluno que não tinha confiança em escrever e tinha dificuldades na linguagem escrita, ali, no desenho, nos quadrantes, ele confiava em si e desenhava e também escrevia, sem medo de errar, sem medo de ser corrigido.

Nessa técnica dos quadrantes, há sempre (e apenas) 8 possibilidades, para que a criança fique adaptada a esse número de opções, já se familiarizando com elas. Fui aprendendo com os alunos a explorar o recurso pedagógico do desenho e sua potência em sala de aula. Nessa atividade não havia objetivos artísticos; apenas trabalhar os conteúdos da grade curricular na forma de representação da linguagem visual gráfica e também visual alfabética, até mesmo uma abordagem interdisciplinar.

O aluno, além de ter que estudar os textos relacionados com os assuntos em sala, tinha que retratá-los visualmente nos oito quadrantes; sempre usando uma técnica de síntese e de resumo através da escrita.

Essa era uma forma que trouxe um bom resultado para a aprendizagem da escrita. Até os que não gostavam de produzir redações, nessas atividades reproduziam algo que havia sido estudado, seja por meio de desenho ou por meio de palavras-chave.

Entretanto, o uso dos quadrantes não ficava restrito à folha **A4**. Depois que os recolhia, colava-os em um papel pardo, um ao lado do outro, e, sempre que possível, expunha-os fora de sala para que os alunos das outras classes vissem o que fora produzido e também como forma de valorizar e de tornar público o que cada estudante produzia. Constantemente, na hora do recreio, via os alunos da própria sala olhando o que criavam e até mesmo mostrando para os pais. Muitas vezes também colava os quadrantes no caderno dos alunos.

No ano de 2005, após mais de cinco anos de prática lecionando na 4ª série como efetivo da rede municipal de Sinop, pedi demissão, após ter sido aprovado no concurso público para Pedagogo na Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat) onde atuo, além das outras atividades profissionais.

2 LOCALIZANDO A REGIÃO DA PESQUISA, LUGAR DA EMPIRIA

A pesquisa apresentada nesta dissertação de Mestrado foi realizada no município de Sinop-MT. Um dos motivos é o fato de eu residir e trabalhar no referido município, mas acredito não ser apenas esse o motivo da escolha do local, pois, para um pesquisador, não necessariamente se faz pesquisa onde se reside.

Escolhi Sinop para a pesquisa, devido ao fato da cidade já possuir 5 Universidades, sendo duas públicas e três, de médio porte, particulares. Atualmente (ano 2009), as Universidades de Sinop não possuem cursos de Pós-Graduação em nível de Mestrado ou Doutorado e nem a tradição de pesquisa acadêmica; portanto, minha pesquisa aqui proposta poderá servir à instituição da qual faço parte (Unemat) ou a pessoas que se interessem pelo tema, especificamente nessa região norte do Mato Grosso.

A pesquisa favorece o processo de compreensão e quando compreendemos uma pesquisa feita por alguém é um bom caminho para as mudanças de nossa prática pedagógica. Neste sentido, proponho uma reflexão a respeito do valor do desenho infantil.

A palavra Sinop tem como significado literal: **Sociedade Imobiliária Noroeste Paraná**; é o nome da empresa privada fundada por Enio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho, a fim de colonizar diversas regiões do Brasil; sendo que hoje a sede da empresa é em Sinop MT.

A exemplo: Maringá PR, Terra Rica PR, Adhemar de Barros PR, Iporã PR, Iverã PR, Nilza PR, Ubiratã PR, Yolanda PR, Formosa do Oeste PR, Carajá PR, Marajó PR e, no Mato Grosso, Sinop MT, Claudia MT, Vera MT, Santa Carmem MT, sempre visando o ordenamento e a não favelização. Geralmente se observa que a cada bairro a ser lançado como produto comercial, há um espaço destinado à doação ou à venda para os órgãos públicos construírem parques ou escolas, a fim de valorizar o próprio empreendimento ou até mesmo locais destinados a áreas verdes ou proteção ambiental de nascentes e rios.

Sinop localiza-se no centro norte de Mato Grosso, a 500 km de Cuiabá, a capital do estado. A economia baseia-se na indústria madeireira, no comércio e na prestação de serviços. A cidade é um pólo regional na região norte do estado, a quarta em população no Mato Grosso e uma das maiores economias do estado do MT.

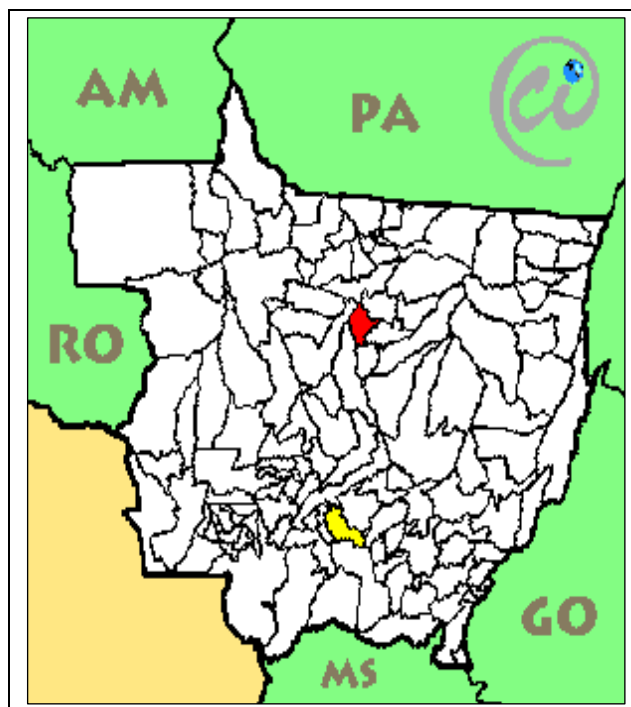


Figura 4 - MAPA DO ESTADO DO MATO GROSSO: em vermelho, localização de Sinop; em amarelo, a capital do estado do Mato Grosso, Cuiabá, distância de 500 km de Sinop.
Fonte: <http://www.mochileiro.tur.br/MT%20sinop%20mapa%20114.gif>. Acesso em: 16 mar 2009.

A Colonizadora Sinop inicia a colonização no ano de 1972, em um projeto implantado numa área de 645.000 hectares, mas a cidade só veio a ser fundada no dia 14 de setembro de 1974; já sua emancipação acontece no dia 17 de dezembro de 1979. No ano de 1980, menos de um ano de emancipação, chega a 19.891 habitantes (fonte IBGE – Sinop, 17/03/2008 – dados cedidos ao autor para esta dissertação).



Figura 5 – Fundação de Sinop (14/09/1974)

Fonte: Colonizadora Sinop, foto digitalizada cedida ao autor em 17/03/2008 pelo escritório central da Colonizadora, em um dia de visita que fiz à direção da empresa, ainda se tratando de um projeto de Dissertação, quando, nesta data, recebi dados e fotos.

O rápido crescimento populacional justifica-se, pois como a colonizadora que inicialmente possuía a quantia de 645.000 hectares, agora precisa vender sua mercadoria, ou seja: “Sinop é a mercadoria” a ser vendida; lotes, pequenos sítios, que inicialmente foram projetados para servir de cinturão verde, com o intuito de fornecer verduras à cidade projetada, ou quadras inteiras para empresas e órgãos públicos. As ações de divulgação e o mito da “terra prometida” deu-se no sul do país, onde era a sede da empresa (Maringá-PR) e também a citação abaixo reflete, em parte, a escolha pelo sul.

Esse colono chega saudável, educado, disciplinado, competitivo, com amor ao trabalho, com a nobre ambição de fortuna e bem-estar e dissemina a obra de colonização. É o colono pronto, gerador da riqueza particular e as companhias particulares transformadoras de terras devolutas em mercadorias. (LENHARO, 1988, p. 7)

A citação acima reflete bem a realidade da colonização do município de Sinop, que inicialmente surge como uma cidade sulina em plena selva amazônica. Segundo PICOLI (2006, p.65), citando dados de 1985, 35% da população é proveniente do Paraná, 30% Santa Catarina, 20% Rio Grande do Sul, 12% de São Paulo e o restante 3% provém de outros estados; cerca de 50% são luso-brasileiros (na maioria brancos)

e o restante são de origem alemã, italiana, polonesa e japonesa. (PICOLI, 2006, p. 65)

A forma como a cidade de Sinop foi sendo planejada comprovadamente mostra que a nova região que surge no final dos anos 70 não é uma terra para os despossuídos e sim terra para expansão de grupos econômicos nacionais e transnacionais, onde a mobilidade social habita o imaginário pessoal de cada um que lá se atreveu a ir e se aventurou. Tal mobilidade, no geral, foi rápida, principalmente aos grupos familiares ou empresariais que possuíam algum capital na nova “Terra Prometida”. Muitos dos que não possuíam capital jamais provaram da fartura, mas ainda imaginam que esse dia chegará.

Terra prometida que habita o imaginário de um povo que postulava um local ideal, um porvir onde as dores e o sofrimento do cotidiano, nessa nova terra, seriam menores ou até inexistentes; onde a mídia propagava tal imagem. Vemos hoje que a palavra Sinop se tornou sinônimo de progresso no imaginário popular, significando uma terra de progresso, farturas e felicidades...

Os grupos econômicos atuam na região através da super exploração do trabalho e dos recursos florestais, onde não há limites na exploração tanto humana como dos recursos naturais. Basta procurarmos em jornais que facilmente veremos reportagens de trabalho escravo na região e do desmate florestal ilegal ou em terras indígenas. No final dos anos 70, as matas na região eram infinitas, como mostra a foto a seguir.



Figura 6 – Sinop em 1978 – BR 163

Fonte: Colonizadora Sinop, 17/03/2008, cedida ao autor para essa Dissertação, já digitalizada

Há, na cidade de Sinop, as colônias de madeireiras, a exemplo do bairro onde está localizada a Escola Menino Jesus, escola onde realizei esta pesquisa. Nesses locais, os operários vivem em casas bastante precárias; não pagam água ou energia elétrica, nem aluguel – o que para o operário é bastante cômodo, pois em Sinop os aluguéis são altos e possuir casa própria numa cidade que cresce 9% ao ano e que surge para a especulação imobiliária fica difícil para o operário.

Já para o industrial é bastante vantajosa essa forma de controle e vigilância dos operários, pois a maioria pensa que morando em uma casa de péssima qualidade, tomando água de poço e tendo energia elétrica de graça está tendo vantagens. Nesta perspectiva, Picoli desenha-nos a área próxima à escola “Menino Jesus”: “Os trabalhadores e seus filhos são confinados dentro de um local impróprio, sem perspectivas de vida. São dependentes, submissos e oprimidos, com normas e regras impostas estrategicamente pelos patrões”. (PICOLI, 2006, p. 200)

Percebo, ao visitar uma dessas colônias, no bairro industrial onde fiz a pesquisa, sérios perigos. O principal, a meu ver, são os montes de pó de serra que queimam a céu aberto, mas o fogo não aparece (...) é um queimar de baixo para

cima, ou seja, não há chamas visualmente, apenas uma leve “fumacinha” que aparece às vezes. Entretanto, há várias crianças que brincam nessas montanhas de pó. Esses detritos precisam ser queimados, pois demoram muito para apodrecer numa região que passa seis meses sem chuvas. A própria madeireira possui esse sistema de queima de madeiras não utilizadas, geralmente a céu aberto.

Basta pisar em cima da montanha de pó para afundar no meio do fogo. Várias crianças já foram queimadas dessa forma, também o perigo está nas máquinas de serrar madeira, pois a criança pode ser puxada pela correia ou até cair numa engrenagem; ou serem eletrocutadas, pois as gambiarras nas instalações elétricas das serrarias são comuns, até mesmo por ser a colônia uma propriedade privada, onde até vinte casas ou mais possuem a mesma instalação elétrica. Caso uma criança venha a morrer eletrocutada, pouco ou nada acontecerá ao industrial, que muitas vezes nem mora em Sinop.

Este, portanto, é um breve panorama do bairro onde se localiza a escola Menino Jesus. Um bairro essencialmente industrial, com centenas de indústrias madeireiras, onde, diariamente, a Lúcia, a Maria, a Alessandra, a Jasel e o Cides vão ao encontro de seus alunos e ali, em sala de aula, encontrarão seus alunos; certamente os filhos de operários e que vivem confinados nas colônias privadas das madeireiras. Talvez muitos deles vítimas de uma escravidão branca, super explorados pelo sistema industrial capitalista. Ali, meus sujeitos de pesquisa buscam trabalhar e exercer sua profissão docente. Sendo assim, foi nesta realidade que busquei conhecer, através das narrativas, o valor do desenho infantil a partir das lembranças referentes ao início da trajetória educativa e também algumas nuances em sua prática pedagógica.

3 PERCORRENDO O CAMINHO DA PONTE:⁸ DESENHANDO A METODOLOGIA EM BUSCA DE IMAGENS-LEMBRANÇAS

O foco da metodologia desenvolvida usando narrativas teve como objetivo conhecer as imagens-lembranças a partir de Peres (1999), que poderá ajudar a inscrever um novo olhar sobre a memória e as lembranças dos fatos que marcaram determinada etapa da vida de uma pessoa. Neste caso, as lembranças e imagens emergidas sobre o desenho infantil. Desse modo, fui buscá-las na trajetória de vida de 5 pessoas: 4 professoras, uma delas, atualmente diretora da escola, e 1 professor.

Elas e ele atuam de primeira a quarta série no período vespertino da Escola Municipal “Menino Jesus”, localizado no bairro Menino Jesus, na cidade de Sinop-MT, como já descrevi no capítulo dois.

Escolhi a escola Menino Jesus – pública e municipal. Esta escolha, além do já mencionado, refere-se ao fato de me parecer uma escola que possui uma representação cultural, social e econômica local, mais próxima da realidade da cidade de Sinop, onde a maioria dos habitantes do bairro “ainda” trabalham na indústria madeireira. Além disso, esta escola fica próxima do bairro onde resido. Também por ser ex-professor municipal e ter uma noção de como são as escolas municipais de Sinop.

Apresentei a proposta da pesquisa em uma reunião pedagógica no dia 3 de fevereiro de 2009, na qual estiveram presentes cerca de 30 professores atuantes desde o pré até as quartas séries. Após apresentar minhas intenções de pesquisa, prontamente recebi 5 adesões, bem como a autorização por escrito, pela direção da escola, para a referida coleta de dados. Os critérios de seleção dos 5 participantes, como é possível constatar, foi o de adesão voluntária⁹.

⁸ A partir de agora me refiro à Ponte como um elo entre o passado dos meus sujeitos de pesquisa na narrativa (eu como aluno) e o outro lado da ponte, o que eles são agora como professores.

⁹ Pelo critério da adesão voluntária recebi a participação do Cides um professor de Educação Física, que também quis participar, não excluí a presença dele, o que depois se verifica através da pouca contribuição em relação ao uso, em sala de aula, do desenho infantil, por se tratar da aula dele especificamente (Educação Física). Aula essa que geralmente não usa a sala de aula e sim outros locais da escola.

A metodologia que ora apresento tem nuances de um trabalho biográfico pessoal e profissional. Inspirado em Josso (2004), penso que o “estabelecimento dessa coerência do biográfico pessoal e do biográfico profissional na sua formação e na sua prática demonstra a riqueza dessa perspectiva para a reflexão de professores sobre sua prática” (p. 28).

Para tal utilizei a seguinte “pergunta detonadora” (PERES, 1999): **Tens alguma recordação ou imagem de quando estavas na escola primária sobre o uso dos desenhos?** Fazendo parte da pergunta detonadora mais adiante. **E hoje, como professora, você usa os desenhos em sua prática pedagógica?**

A pergunta detonadora, segundo a autora, tem como intuito principal ativar as possibilidades da narrativa, quando o pesquisado estabelecerá a ordenação de sua fala. Antes, porém, de trazer a narrativa referente à referida pergunta, adentrei um pouco na biografia de cada um, a fim de saber: Quem eram? O que faziam? De onde vieram? Essa pergunta, em especial, em função da hipótese de que os sujeitos da pesquisa não fossem nativos de Sinop, pois dificilmente encontramos sinopenses com mais de trinta anos de idade, em função da característica econômica do local e do ano de fundação (1974) e de emancipação (1979).

Como disse, o objetivo das narrativas foi adentrar em dados biográficos de ordem pessoal e profissional e, assim, “construir uma ponte” entre as lembranças do passado no que se refere ao uso do desenho infantil na época em que elas e ele cursaram as séries iniciais e o momento atual, como professoras e professor.

Ou seja, busco descrever uma forma de retratar o caminhar entre o início das aprendizagens na “infância” do professor e os possíveis reservatórios de tais imagens na prática pedagógica do professor em sala de aula. De um lado, o passado lembrado desde o lugar do aprendiz. De outro, as possíveis implicações de tais influências no hoje, em relação ao modo como se utiliza do desenho, na escola em geral, e neste caso específico. A partir destes elementos, “analisei” o sentido atribuído por elas e ele aos desenhos em sala de aula, bem como procurei trazer à luz as imagens emergidas na pergunta detonadora.

Desse modo, os esquecimentos, as lembranças e as imagens sobre a história biográfica dessas pessoas, fizeram emergir em mim, na condição de aprendiz de pesquisador, a metáfora da “ponte” como um elo de ligação. Além disso, esta metáfora me é muito cara, em especial conscientizada neste Mestrado. O exemplo

das minhas lembranças como aluno, (conforme explicitado no capítulo inicial) atualizadas no momento desta pesquisa.

Isso porque este estudo também se constitui como elo entre o que vivi e, portanto, o que me moveu a pesquisar hoje. Ou seja, entre o que fizeram comigo e o modo como fui me constituindo; entre o que valorizo como professor e o que estudo, em especial fundamentado nos estudos autobiográficos propostos por Josso (2004).

A atividade no campo empírico teve a duração de um mês, com média de dois encontros com cada sujeito. Eles foram muito ricos, tanto para elas e ele, como para mim, uma vez que “imagens-lembranças” com emoção foram trazidas para o presente...

Após cada encontro, transcrevi o material, degravando os itinerários dos participantes, indo a campo, como salienta Minayo (1992) ao se referir à pesquisa qualitativa em educação: “histórias de vida fazem parte da relação mais formal do trabalho de campo em que intencionalmente o pesquisador recolhe informações através da fala dos atores sociais”. (p.107)

Partindo da centralidade dos fatos a serem coletados (no caso, o valor do desenho infantil) e o modo de recolher tais fatos, nessa pesquisa qualitativa em educação, utilizo as histórias de vida como elementos de grande valor e potência para a pesquisa.

Ao analisar os dados contidos nas narrativas orais, meu objetivo não foi dar opiniões sobre a fala dos sujeitos e sim construir conhecimentos e refletir sobre a subjetividade e o modo como elas e ele pensam a sua vida, suas experiências e como veem sua trajetória de vida, como nos dizeres da mesma autora Minayo (1992): “Na pesquisa qualitativa, os instrumentos de trabalho são: o roteiro de entrevista, os critérios de seleção e os itens para discussão de grupos focais”. (p. 99) Neste sentido, a pesquisa aqui realizada não foi apenas técnica e sim um processo formativo de interação entre sujeitos pesquisados e pesquisador.

3.1 Quem são? De onde vem? E o que dizem?

Meus sujeitos são 5 professores, 4 mulheres: a Maria, a Jasel, a Alessandra e a Lúcia e 1 homem, o Cides. Todos atuam na escola Menino Jesus - que fica no bairro de mesmo nome. A escola fica em frente à BR 163, na entrada do município, em relação a quem vem da cidade de Sorriso/MT.

A seguir, apresento algumas características dos entrevistados, nomeando-os de acordo com a cronologia da entrevista/narrativa. O uso dos próprios nomes foi uma opção deles, pois a princípio sugeria o uso de pseudônimos, mas elas e ele preferiram manter seus próprios nomes. Logo após, transcrevo as narrativas¹⁰ a partir da pergunta detonadora: **Tens alguma recordação ou imagem de quando estavas na escola primária sobre o uso dos desenhos?**

E, após cada uma, comento algumas impressões, mostrando como percebi as respostas de cada participante da pesquisa. Optei por colocá-las em *in loco*, usando a letra *Times New Roman* para que o leitor pudesse visualizar as narrativas e “minha leitura” sobre os dados de cada sujeito participante. No próximo subcapítulo, faço uma análise geral de todos, buscando as idéias que convergem com a minha questão de pesquisa. Qual seja: **“Qual o valor atribuído ao desenho pelos professores de séries iniciais na Educação Básica?”**

3.2 Algumas características

Maria pareceu-me extremamente calma, de fala pausada e olhar fixo, uma mulher que olha nos olhos; já trabalha há 26 anos no magistério na área de 1ª a 4ª série, com crianças de seis e sete anos. Mora há 20 anos em Sinop. Vem do nordeste do Brasil, mas não relatou o estado, nem sua idade, mas está certamente na faixa dos 40 anos, não mais do que isso.

Alessandra, natural de Mato Grosso do Sul, da cidade de Naviraí. É uma professora jovem, na faixa etária dos 30 a 35 anos, já atuando no magistério há 15 anos. Relata que é de uma família de professoras e isso foi fundamental para a escolha profissional, pois aos 13 anos já dividia com sua mãe, professora, uma turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos) em Sinop. Mora no município, em Sinop, há quase 25 anos, atuando no magistério há 15. Segundo ela:

“Adoro trabalhar com os pequenos de 1ª a 4ª série e principalmente quanto menores, melhor, me identifico mais, venho de uma família tradicional de professores. Minha mãe era professora, depois eu professora; irmãs dela no Mato Grosso do Sul também professoras; eu, minhas irmãs agora também professoras” (Alessandra).

¹⁰ Lembrando que os dados biográficos antecedem a narrativa.

Quando criança morava em uma fazenda e ia à cidade duas vezes por mês “a cada dois meses assim a gente ia de caminhão, era longe, ficava longe a 50 km da cidade”, disse-me ela.

Aos 13 anos, foi trabalhar com pessoas adultas - EJA, com educação de jovens e adultos, ajudando a mãe: passando as atividades no quadro enquanto ela cuidava de uma turma. Comenta que “*assim eu peguei gosto pelo magistério*”.

Jasel atua como diretora da escola há 9 anos, tem 43 anos. Das participantes é a que possui a maior idade. Anteriormente morava na cidade próxima a Sinop, Sorriso/MT, distante a 80 km, onde também atuou como diretora de escola. Ela relata que mesmo nessa função administrativa afirma que ao sair da direção pretende voltar a atuar em sala de aula. Vem do estado do Paraná, está em Sinop há 12 anos e sempre atuou como diretora. Mesmo atuando na direção ela me relata: “*Nunca vou deixar de pensar e agir como professora*”.

Lúcia tem 38 anos e já atua no magistério há 20, mora no município de Sinop há 23 anos; pareceu-me extremamente calma e muito questionadora de sua prática pedagógica. Veio do estado do Paraná e começou sua atuação numa das primeiras creches de Sinop como monitora; certamente é uma das pioneiras no Magistério naquela cidade.

Cides, natural do estado de Alagoas, da cidade de Traipú, tem 38 anos e vive há 6 meses em Sinop. É formado em Educação Física, com especialização em Educação. Atua como professor de Educação Física. Anteriormente lecionava em Canaã do Norte, região extremo Norte de Mato Grosso e veio da cidade de Fátima do Sul, Mato Grosso do Sul. Logo no início da conversa buscou saber os motivos que me fizeram pesquisar o desenho infantil na minha dissertação de mestrado, bem como o que me motiva a estudar o desenho infantil.

Todas elas possuem graduação em Pedagogia e ele graduação em Educação Física. A maioria já cursou uma especialização *lato sensu*. Alessandra relatou-me que já cursou três especializações *lato sensu*; também espera pelo primeiro Mestrado em Sinop para postular vaga. Cides também comentou que fez especialização na área da Pedagogia, embora não tenha feito maiores comentários da área específica da Pedagogia. Um fato que me chama a atenção ao analisar os dados é o pioneirismo na

educação Sinopense, pois a maioria já atua há 20 anos na Educação de Sinop. Certamente este grupo de professores fazem parte dos pioneiros na educação daquela cidade; mesmo que a maioria não tenha chegado ao 40 anos.

3.3 O que lembram e dizem sobre o desenho infantil em suas trajetórias

Narrativa de Maria (05/02/2009)

Sim! Eu tenho umas imagens muito assim: que está em minha lembrança. A professora de quando eu estava na 1ª série que era no interior lá do nordeste, a professora pedia sempre para desenhar, era casas, árvores, eu sempre até hoje inclusive até hoje eu só desenho... os meus melhores desenhos são paisagens eu gosto muito de desenhar muitas paisagens, isso fica gravado em mim, fica só comigo aquelas imagens de sempre desenhar casas, árvores, animais. Por isso eu só desenho mais paisagens. Era os desenhos pessoas que pediam para a gente desenhar só aquilo que relacionava onde você estava estudando. Por exemplo, a gente estudava em uma escola do interior. A gente só desenhava animais que a gente via que lá os animais você sabe é jumento, era bode; lá era esses animais que a gente sabia desenhar coisas assim. Não tinha aquele valor, aquela coisa você assim vai fazer um desenho para ser avaliado psicologicamente para saber como está seu dia! Como você está para desenhar, ela pedia para desenhar e a gente tinha que desenhar. Era, era ela falava você desenhava dava uma folha em branco; tinha aqueles cadernos que tava todo entusiasmado, quando ela dava aquele caderno enorme pra gente das coisas nos cadernos de gráficos, né. Aquele caderno em branco tinha aquelas folhas fininhas e a gente ia por cima que achava aquele desenho mais bonito, tirava na folha fina e depois passava na folha e ia pintar e tudo. Sabe, eram assim os nossos desenhos, as lembranças que eu tenho são essas (Maria).

E hoje, você, como professora, usa os desenhos em sua prática pedagógica?

Olha, eu uso muito desenho apesar da gente até ser podado por professor e da sala não dá. Professor de artes, há o professor de artes; tem que dar desenho, mas o professor da sala que trabalha com Português, Matemática e História não são muito livres para dar desenhos, mas assim mesmo eu trabalho com desenhos. Trabalho com desenhos, porque a criança, até quando eu vou dar uma produção de texto, se não tiver um desenho à criança do segundo ano,

que é a primeira série, se não tiver um desenho ele não vai se empolgar a escrever; então geralmente as crianças que eu estou trabalhando há oito anos aqui eles gostam de fazer os desenhos e fazer uma história que tem um desenho, sabe. Pra ele então até quando eles chegam a minha sala que eles veem aqueles montes de desenhos, aquelas coisas eles ficam olhando, eles voltam, aí eu acho bom trabalhar com desenhos toda a maioria das minhas atividades; eu inclusive tenho uma pasta aí a maioria... escrever os nomes dos desenhos, pinte os desenhos e escreve o que mais gostou neste desenho e ligue os desenhos, depois de colorir os desenhos, faça uma história sobre o desenho; então, nesse sentido, eu trabalho com os desenhos. Porque eu acho e tive até alunos que só pintava árvore, vermelho, alaranjado e preto não era nem vermelho era uma cor forte, forte, forte, eu perguntei para ele por que, ele me falou que lá perto da minha casa tem uma árvore dessas, a copa das árvores dele era tudo laranja, eu mostrei até para a diretora; será a copa das árvores era tudo alaranjado? eu falei: meu Deus do Céu, será que esta criança vê árvores desse tipo? Aí quando eu comecei a fazer pós-graduação, né, eu pedi para o professor, por que será que a criança só faz assim? Você nunca viu uma árvore que tem copa e meia com flores amarelas, ela vê a criança vê ele pensa que é alaranjado, então como ela não vê o amarelo do lápis de cor ele pinta alaranjado. E outra criança que revelou na minha sala também em questão dos desenhos assim ele só desenhava tudo só da família dele. Então a maneira que era como a família dele, na casa dele, todo o desenho, tudo que dava para ele bem no cantinho ele fazia um desenho da família, o pai longe, a mãe aqui e ele e os dois outros bem ali embaixo de uma árvore aquilo foi me chamando a atenção, já um tempão; eu já perguntei para o diretor o que eu faço com a criança, ele falou procure conversar com ele para saber por que ele faz esse desenho; aí a gente foi descobrir que o pai dele morava em outra cidade e a mãe dele (FAZ GESTO COM O DEDO INDICANDO TOMAR ALGO)... Sabe...É tomava uns golinhos e ela ia e batia na criança e botava para ficar; tinha noite que eles passavam debaixo da árvore, era isso que ele desenhava, então às vezes o desenho ajuda muito a você descobrir muitas coisas nas crianças na educação infantil; nas primeiras séries ajuda muito, eu trabalho muito com desenho, eu acho muito importante trabalhar com desenhos nestas séries. Melhora porque até inclusive na hora de você fazer um ditado diagnóstico ...de que a gente tinha um projeto Ayrton Senna aqui na escola, a gente fazia o ditado com diagnóstico, se você vai dar um diagnóstico para a criança, a hora que você vai chamar a criança dá uma folha em branco para ele escrever umas palavrinhas, pra ele não tem sentido nenhum, sabe se você tem um desenho ele pergunta: professor é para escrever o nome do desenho? E aquilo já é uma produção, ele olha o desenho tem lá um navio: ele

não sabe escrever navio completo, mas ele já escreve a metade ele escreve o “a” e “o” “u” com valor sonoro, ele escreve o a e u, as vogais; se ele tiver um desenho mais simples, uma bola, por exemplo, ele já escreve a palavrinha e assim vai indo. Então eu acho na questão da linguagem o desenho é muito importante para as crianças tanto da educação infantil que é da Pré-escola, né, quanto eu acho que não deveria tirar essas questões de deixar a criança expor com desenho. inclusive aqui na escola já teve é ... Aquele negócio que veio da prefeitura pras crianças fazer desenho e pra ganhar prêmios, essas coisas. Isso, aqui da escola ganhou um menino, aqui da escola ganhou que foi o que fez o modelo da bandeira da escola sabe. Ele ganhou o menino da 4ª série, aluno da professora Marli; então eles atingem as crianças com desenhos, eu acho que é muito positivo porque a criança não é pra você e pegar e cobrar aquilo, dar uma nota, não ver quem vai fazer o mais bonito, não competir, colocar a criança pra colocar saber aquele e se expor as idéias dele no papel com o desenho. Com certeza ele vai saber escrever. Sabe, mais pra frente ele vai. Se ele não tem aquela inibição para desenhar ele também não vai ter a nível de escrever. Eu posso fazer feio meus desenhos, mas eu não tenho vergonha de desenhar, não, eu faço, aí se há de vez em quando eu faço uns desenhos no quadro, eu passo e volto aqui no fundo e procuro para as crianças o que está aparecendo? E eles falam! Parece um elefante, então eu digo: é um elefante, sabe porque quando eu não tive esta preparação de dizer que está desenhando tal coisa e ensinar tudo certinho a desenhar então eu não sou uma boa desenhista. Eu não sei desenhar bem assim, mas eu faço minha parte com as crianças. (Maria)

Tem algo mais a falar sobre a importância dos desenhos?

Olha, a única coisa que eu acho que não deveria ter, pena que em sala de aula em relação aos desenhos é aquele desenho copiado. Sabe! Ou então eu há muito tempo usei muito isso, você vai e tira xerox do mesmo desenho e para todas as crianças, entendeu! Ai, até gera um conflito dentro da sala porque uma criança tem uns lápis bonitos para pintar aquele desenho e outro já não tem ou então pinta e outro... Que seu desenho está feio porque o cabelo de sua menina está de uma cor e de outra e se você der desenhos diferentes ele vai ter mais oportunidades das crianças dizerem assim: Olha, ficou feio esse desenho, se fosse eu, eu pintaria assim... sabe! Juntar as crianças, colocar eles num grupinho para fazer desenhar ou então desenhos iguais e dizer: O que vocês mais gostaram da aula? O que tem dentro da sala que chamou atenção? Sabe, pra eles fazerem os desenhos, isso aí eu acho importante! E tem é que chamar a atenção, esta intenção de colocar todos os desenhos

iguais, na parede eu mesmo já coloquei. Uma vez uma professora daqui, uma pedagoga daqui de Sinop não sei se você conhece Taciane? Ela que me falou sobre isso. Maria, não coloca os desenhos todos iguais na parede para você tirar cópias, por exemplo. Para trabalhar o Circo os mesmos desenhos do circo passar para um todos. Passe diferente do outro. Passa um desenho de um jeito, o outro de outro pede para desenhar. Coloca um desenho no quadro e pede para eles observar e eles vão fazer aquele desenho, eles mesmos fazer, eles mesmos criarem o desenho, ele fica melhor e sabe que é mesmo? Fica melhor! E eu parei e nunca mais fiz, mas fica aquele monte de ganchinhos para prender os desenhos, sabe! Os desenhos iguais e prontos, não faço mais isso. Entendeu? (Maria)

O que eu percebo...

Maria narra sua professora de primeira série, uma professora que dirige o tema a ser desenhado, temas que vão entre cotidiano, paisagens; também vai além e rapidamente justifica: *“Até hoje, inclusive, eu só desenho, os meus melhores desenhos são paisagens. Por isso só desenho mais paisagens”*.

Em seguida, Maria comenta que o desenho em sua primeira série não tinha aquele valor psicológico, ficando pistas que, ao contrário de sua professora de séries iniciais, hoje, para Maria o desenho também tem um valor para análise psicológica, ao dizer: *“não tinha, coisa de ser analisado psicologicamente para saber como foi seu dia”*. Também narra o método de cópia de desenhos, pois na sua época de aprendiz havia os cadernos destinados para artes ou construção de gráficos – as ditas folhas fininhas que eram utilizadas para copiar mais facilmente um desenho.

Já como professora, Maria comenta que o desenho em sala de aula é visto por muitos professores como sendo da área das artes. Mesmo assim, ela procura usar o desenho nas produções de textos, pois se o texto não tiver um desenho, o aluno não vai *“se empolgar”*. Também ela já observou que as crianças costumam observar os desenhos que são usados como decoração da sala de aula, assim como observamos obras de arte em galerias e museus. E também utiliza os desenhos em atividades de ligar o desenho à respectiva palavra.

Maria demonstra também possuir uma sensibilidade grande para analisar desenhos, tanto é que em uma oportunidade conseguiu perceber sérios problemas

familiares, transcritos através do desenho; por isso reafirma: “*acho muito importante trabalhar com desenho nas séries que eu trabalho*”.

Para finalizar, Maria deixa como mensagem a importância do aluno produzir um desenho livre independente da opinião do feio ou bonito; o importante é produzir e não copiar o desenho pronto, quando todos da sala fazem o mesmo. Comenta o longo processo que foi chegar a esse entendimento, ao dizer “*não faço mais isso*” em relação aos desenhos copiados, mostrando assim que ela, ao longo de sua carreira docente, apreendeu a analisar sua própria prática em sala de aula.

Narrativa de Alessandra (05/02/2009)

De uma forma bem prazerosa, pelo fato de eu morar no interior da cidade, a 50 km da cidade, mesmo a gente morar em fazenda, então era tudo muito assim: era plantação e gado, né, que tinha na fazenda então era uma escola de fazenda mesmo! Onde uma de minhas tias, irmã de minha mãe, era minha professora. Então assim quando ela pedia para a gente desenhar fazendo desenho livre, adorava desenhar porque nós tínhamos a horta e que a gente cuidava da horta, então gostava de desenhar as coisas que tinha na horta: eu que eu queria plantar na horta. É horta da escola! E representava muito a questão de artes; eu fui uma pessoa muito sonhadora, então muitas vezes eu pegava assim e no meu desenho tinha muito essas coisas assim: é avião e carros que eu gostava assim de tá bem pelo fato de eu estar na fazenda e não conhecer então a minha curiosidade como será que era? Né, então isso sim foi algo para mim muito importante que marcou muito minha vida, pelo fato de mesma sendo assim fazenda a gente tinha uma liberdade de criar até mesmo tinha alguns momentos que a gente tinha que representar o desenho de alguma forma que por algum texto por uma ilustração que era pedido a gente não fazia isto por mim, por prazer, né, nós tínhamos. Lembro-me que na época nós tínhamos na sala uma coleção de livrinhos que era nos plásticos transparentes e eu sentava perto dos livrinhos que ficava dependurado ali pelo menos uns 20 dos 25 livrinhos; eu sentava ali próximo para eu ficar desenhando né aquelas historinhas, é o sapo com rabo de gato, o gato com rabo de sapo, sabe, assim... umas histórias bem legais antigas né e eu gostava de ficar olhando ali e representando isso às vezes no caderno. Então como a minha tia sabia que eu gostava muito de desenhar ela já me dava um caderno à parte para eu desenhar e nesse caderninho né, então quando eu terminava assim as atividades, eu pelo fato de ser tia então a cobrança era maior; eu terminava logo minhas atividades e ficava desenhando ali no meu canto,

olhando nos desenhos tanto é que tenho hoje habilidade hoje para pintar e para desenhar e assim como facilidade de produzir os desenhos alguns tá bem. Eu não digo boa desenhista, mas assim na questão de pinturas e de riscos assim eu até me saio bem. (risos) (Alessandra)

E hoje, você, como professora, usa os desenhos em sua prática pedagógica?

Até por trabalhar com crianças pequenas eu enquanto professora percebo assim: que através de meus desenhos de meus alunos a forma que eu trabalho com eles é que me faz perceber muitas coisas ali né até pelo fato de ser Psicopedagoga, de a gente ter feito a pós nesta área da Psicopedagogia e também amplia muito assim a visão de desenho na educação infantil, o desenho está muito presente, então eu procuro dar alguns momentos livres pra eles criarem assim como eu deixo eles em alguns momentos como eu te disse aqueles desenhos é não seria um desenho tradicional, mas seria um desenho de pesquisa né aqueles desenhos de nosso cotidiano, por exemplo, vamos com suas cores próprias né tanto assim início de ano a gente deixa livre mais para criar, por exemplo, um determinado acontecimento no decorrer do ano letivo já começo cobrar um pouco mais da pessoa de com desenhos de uma forma mais específica né, pedindo que eles olhem o mais os desenhos, tanto é que início e meio de ano geralmente costumo fazer uma comparação de desenhos: Olha como você desenhou no início do ano quando você chegou à escola? Olha como você esta desenhando agora? E daqui há mais algum tempo vamos ver: Como vai desenhar? Porque mesmo através dos desenhos você percebe muitas habilidades dos alunos, tanto para a questão de pintura e artes, essas coisas então o desenho contribui muito. Então eu gosto, particularmente me satisfaço muito com os desenhos e acredito nisso tá bem porque é uma coisa muito interessante.(Alessandra)

Tem algo mais a falar sobre a importância dos desenhos?

Olha, se bem que posso falar a gente ficaria muito tempo falando sobre isso é mais assim, de primeiro momento seria isso: “Quanto ele contribui para o aprendizado da criança” (Alessandra).

O que eu percebo...

Para Alessandra, o desenho sempre foi um elemento de estímulo e potencialização para a criação e o crescimento. Nas lembranças da infância aparece a imagem de uma professora que se inicia no ofício ajudando a mãe, aos 13 anos, e tendo o desenho como um elemento de imaginação e criação de algo que não conhecia. Vejamos o que ela diz:

“Eu fui uma pessoa muito sonhadora, então muitas vezes eu pegava assim e no meu desenho tinha muito essas coisas assim: é avião e carros que eu gostava assim, tá bem, pelo fato de eu estar na fazenda e não conhecer então a minha curiosidade eu imaginava como será que era?”. Ou ainda: “Lembro-me que na época nós tínhamos na sala uma coleção de livrinhos que era nos plásticos transparentes e eu sentava perto dos livrinhos que ficava dependurado ali pelo menos uns 20 dos 25 livrinhos eu sentava ali próximo para eu ficar desenhando né, aquelas historinhas, é o sapo com rabo de gato, o gato com rabo de sapo sabe assim” (Alessandra).

Já como professora e com formação em Psicopedagogia, percebe-se que o desenho é um aliado importante para o processo de aprendizagem e para o crescimento dos alunos. Percebe que amplia o conhecimento deles, bem como ajuda a criarem e com isso ficarem estimulados para outras aprendizagens. Diz: *“através dos desenhos dos meus alunos, por exemplo, no início do ano a gente deixa livre mais para criar, por exemplo, um determinado acontecimento”*. Também o valor do desenho para Alessandra está relacionado à evolução de cada aluno no que se refere ao modo de expressar-se através desta linguagem: *“No decorrer do ano letivo já começo cobrar um pouco mais da pessoa de com desenhos de uma forma mais específica né, pedindo que eles olhem mais os desenhos”*.

Narrativa de Jasel (05/02/2009)

Chamo-me Jasel, estou em Sinop há 12 anos e estou neste estabelecimento de ensino há 9 anos e sempre atuando como diretora deste estabelecimento; tenho 43 anos já entrando para 44; anteriormente eu já era diretora na cidade de Sorriso/MT. Tenho 2 filhos e embora esteja na área da direção né como função maior, o meu serviço é administrativo, mas eu procuro sempre estar

ligado ao pedagógico; também sem dúvida eu faço questão no caso me dedicando a esta questão pedagógica, verificando e gosto muito do trabalho que faço com muita vontade de estar desenvolvendo esta função, mas eu creio que nunca vou deixar de pensar e agir como professora. Sempre serei e atuo na função nesse período assim particularmente pretendo sair da função e voltar à sala de aula.(Jasel)

Com certeza na minha época marcou muito, eu acredito que toda criança né nessa questão dos desenhos é muito simbólica. Eu me lembro do desenho em sala de aula nas paredes da sala de aula, nas paredes da sala. No jardim de infância as salas eram toda decoradas, eram pintados na parede, sabe era como se fosse petrificado na parede. Eram figuras da literatura infantil me lembro muito bem do Bambi, eram cores alegres, eram cores assim. Tinha 6 anos de idade, 5 para 6 anos. Foi no Paraná. A professora que trabalhava comigo na época até o perfume que ela usava hoje eu lembro. Eu quando fecho o olho: aí eu associo é a professora, o desenho, a escola, foi uma época muito gostosa e tive o privilégio de estudar na mesma escola que minha mãe estudou, que meus tios estudaram, né. Era uma escola assim classificada como uma das melhores escolas da região na época. Eu lembro bem que fazia este teste de Q.I. na época através de desenhos dava o desenho para a criança e ia analisar o Q.I. da criança através do desenho. O teste tinha grau né, de “0 a 10” e iam taxando a criança como hoje e as professoras ela tem a carga de desenvolvimento né da criança e da escrita e da escrita eu acredito que na época era usado o desenho para ver em que estágio a criança estava. E eu queria fazer o máximo, os pais, minha família falava tinha que ser o melhor, cobravam isso, só que cobravam muito, mas porém eu desenho a professora e identificava nesse sentido e também tinha o desenho livre nessa época. Eu não sei se hoje ainda tem, na época o desenho tinha muito significado né o que lembro muito e assim me deixa mais a respeito de desenho me vem à mente a questão do teste de Q.I. que me marcou muito. Este teste foi para mim um desafio, eu tive que provar que eu era tão boa quanto eles queriam que eu fosse. E assim eu dispensei comentários, que ao mesmo tempo em que eu estava sendo cobrada, que eu tinha que dar o melhor de mim já naquela época a criança de 5 ou 6 anos queria porque queria entrar naquela escola, queria estar representando aquela escola, queria fazer o melhor pelo menos diante de minha família. Esse teste, tínhamos que fazer um desenho para “testar você” essas foram as palavras que eles usaram na época antes de solicitar o desenho. Até foi a minha prima que realizou este teste que era professora, então eram professores que aplicavam este teste e assim dizem: “Passei raspando” né eu era assim aquela aluna mediana, não era uma aluna ótima nem uma aluna péssima, uma aluna mediana e a partir daí eu

comecei a tentar fazer o melhor. Lembro que as crianças eram bem arrumadas, sabe aquela com gravatinha, o uniforme todo xadrez e de vermelho e branco, de blusinha branca, aí tinha a pochetinha que era o mesmo tecido que a saia, então era tudo combinando. Sabe era assim apesar de ser uma escola do estado ela era uma escola onde a direção e o grupo que estava gerindo exigiam uma boa organização da escola, não me lembro assim que outras escolas faziam este teste. Mas assim quem estava nesta escola era realmente pessoas que os pais iam investir bastante apesar de ser uma escola estadual (Jasel).

Como utilizava¹¹ o desenho em suas aulas?

Na sala o desenho reflete o sentimento da criança, tento aprofundar muito a criatividade, deixar a criança fazer o que gosta, desenho livre, não sou muito a favor da criança que só pinta o desenho, eu gosto muito de gravuras, de trabalhar com imagens para estar fazendo com que a criança perceba o próprio mundo. O principal é deixar a criança criar, eu diria assim: Que só pintar o desenho xerocado acho que isola a criança, eu gosto muito de trabalho livre, gosto muito do “Método Natural”¹² da qual fui 13 anos professora, só da pré-escola, lá a gente leva a criança a criar porque é proibido usar o mimeógrafo, na época então possibilita ao professor que ele faça as atividades, pensar e até colocar certas emoções através do desenho. Hoje tem muitas crianças que fazem isso, não param de pintar, de rabiscar e a gente já tem quase uma leitura dessa criança. Esse método natural que, como eu coloquei, na época que eu trabalhei em, Campo Grande (MS) em uma escola particular, lá nós professores só poderíamos usar mimeógrafo, na época não tinha computadores, não tinha o xerox, né, isso era para as crianças maiores, mas como eu trabalhei com crianças de 3 e 4 anos simplesmente na folha sulfite em branco trabalhava então não usamos portanto o mimeógrafo nesta faixa etária. Desde uma colagem, um desenho, era a criatividade, nada de mimeógrafo

¹¹ Utilizava, devido ao fato de Jasel estar em cargo de Direção.

¹² Não entrei em detalhes sobre o **método natural** citado por ela para não fazer inferências na fala, mas certamente se refere ao método do Pedagogo francês **Celéstin Freinet** (1896-1966), sendo que sua Pedagogia é baseada em alguns princípios: senso cooperativo, senso de responsabilidade, sociabilidade, julgamento pessoal, autonomia, expressão, criatividade, comunicação, reflexão individual e coletiva, bem como afetividade. Como principais técnicas didáticas há: aula passeio, texto livre, imprensa escolar, correção, livro da vida, fichário de consulta, plano de trabalho, desenho livre, correspondência interescolar e autoavaliação.

tudo, tudo tinha que partir da criança, valorizar tudo que a criança colocava no papel. E ali vivenciei uma história de vida muito interessante, com uma criança de 4 aninhos, uma criança que ela era totalmente rebelde e eu estava grávida, ele até queria chutar na minha barriga, super agressiva essa criança, aí descobrimos ser filho de um advogado, né, um advogado bem sucedido e tal, e aí ele fez um desenho, aí pedi: agora conta pra gente sobre este desenho! Como você vê seu pai! Assim é meu pai: eu não gosto dele porque... aí foi falando porque. Eu fiz toda a fala da criança, e ao lado do desenho fui escrevendo os sentimentos da criança em relação ao pai. Neste desenho, pelo menos, essa criança colocou todo aquele sentimento negativo que ele tinha em relação ao pai. Aí mostramos ao pai todos esses sentimentos representados via o desenho desse filho de apenas 4 anos, uma idade em que geralmente as crianças são super apegadas; esse pai, quando viu, chorou vendo aquilo. Outra experiência que tive com o desenho foi numa reunião de pais onde na escola quando fui entregar os boletins das turmas eu disse: hoje vocês são os alunos meus! E farão um desenho, aí alguns pais ficaram apavorados. Passei um desenho, um dos pais disse: “Tia, eu não sei desenhar” , aí eles foram entregando os desenhos e eu pegava e falava para alguns: deixa aí! E fazia cara de quem nem estava a fim de ver ou que nem queria ver; em contrapartida, para alguns pais eu falava: nossa que lindo! Depois comentei com eles sobre esses sentimentos e a reação que cada pai teve ao entregar o desenho. Eu, como professor, e eles como alunos como se sentiam quando olhou e sentiu a questão do desenho e ambas as reações. E hoje os pais elogiam esse trabalho, hoje tem como fazer uma retrospectiva tanto do aprendizado, vendo o trabalho dos filhos deles, sentir bem como estavam vendo, como eles estavam recebendo; às vezes a criança sai com o desenho da escola e vai dar de presente para o pai. Ah! Que legal! Quando a criança chega lá o pai nem dá bola, inclusive tem um significado muito grande para aquela criança e assim então se perde a motivação pela escola e pelo desenho (Jasel).

Tem algo mais a falar sobre a importância dos desenhos?

Acho que tudo que já falei não sei se contribuí, mas eu diria assim é muito educativo e te parabenizo pelo trabalho (Jasel).

O que eu percebo...

Jasel tem como principais recordações da escola primária o uso do desenho infantil nas paredes da sala de aula; também consegue lembrar bem das cores, quanto ao uso do desenho em sala recorda do teste do Q.I., um teste usado para avaliar “*O desenho para ver em que estágio a criança estava*”, demonstrando assim que havia uma grande cobrança para a criança ser aprovada. Caso fosse, seria aceita sua matrícula na referida escola que a família escolheu.

Já na época em que atuou como professora relata a importância do “*método natural*”, através do qual o uso de desenho era de forma mais livre.

Também relata um caso de análise através do uso do desenho infantil, no qual um aluno, ao desenhar a família, expôs seus sentimentos negativos em relação ao pai; também relata uma experiência afetiva em relação a um grupo de pais de alunos, através do modo de entrega dos desenhos desses próprios pais e como eles se sentiam, ou melhor, a entrega do desenho, sendo esse desenho acolhido ou, ao contrário, fazendo-se pouco caso da atividade produzida por eles.

Narrativa de Lúcia (06/02/2009)

*Olha, assim: a recordação, eu não tenho muitas recordações de desenho, eu não sei... Não era muito trabalhado, mas eu me lembro assim que a gente na época tinha. A professora mandava desenhar, a única coisa que eu desenhava era casa, eu lembro assim, casa, montanhas e árvores e até hoje para fazer desenho livre é a única coisa que eu consigo desenhar, eu não sou criativa para fazer desenhos livres. E é porque eu tenho facilidades pra copiar desenhos, a questão de olhar o desenho e copiar eu tenho facilidades, já eu criar um desenho eu não consigo, então eu não tenho grandes recordações assim de...Eu sei assim a gente tinha era Educação Artística que se falava na época, hoje falamos Artes, é se a professora mandava sempre desenhar ela chamava para olhar o caderno e via o caderno e dava nota do desenho, essa é a recordação que eu tenho, agora assim questão que era trabalhado na infância eu não recordo é interessante que assim, **eu escolhi a profissão de ser professora devido a uma professora que eu tive de 1ª série e uma atividade sobre Desenho infantil**. É assim a recordação que eu tinha dela ela era muito boa, eu gostava muito dela e assim o fato que me marcou é que na época uma atividade de ligar a vogal com a palavra que iniciava com ela. E eu copiava as 5 vogais, copiei as palavras e não conseguia ligar ao desenho. E eu*

apagava e não conseguia ligar e ela chegou ao meu lado e disse: Ah! Meu amor, não dá certo, porque você esqueceu uma palavra, eu já tava chorando, na época, não dá certo porque você esqueceu uma palavra, por isso que não dá certo, então devido aquele ato carinhoso me marcou (Lúcia).

E hoje, você, como professora, usa os desenhos em sua prática pedagógica?

Eu utilizo bastante o desenho, aí eu faço assim, eu acho importante o desenho até pelo desenho você analisa a personalidade da criança e é interessante que dá para comparar o desenho com a aprendizagem da criança, geralmente a criança quando ela é calma ela escolhe cores suaves para pintar o traçado dos desenhos dela. É fraco, e é forte, então assim eu trabalho, eu deixo quando coloco desenhos o desenho livre eu procuro falar pra eles colocar no desenho o que vem à cabeça deles. Sempre eu sou assim, quando você escolhe um tema já não é mais livre tem que escolher sobre o que a criança tem que desenhar. Então eu procuro assim deixar mais livre e vamos fazer um desenho aí cada um vai lá à frente e se quiser ir lá à frente explica o que desenhou, qual o significado desse desenho eu vejo assim, e às vezes fico me perguntando, quando ela faz um desenho da árvore sabemos que as árvores são verdes, podem ter flores e é até que ponto a gente pode deixar a criança pintar da cor que ela quer. Eu assim acho, e procuro às vezes mostrar pra elas, assim geralmente qual a cor das árvores e é o verde porque você pintou desta cor da árvore é por isso, eu acho importante relacionar a cor do desenho e a cor da realidade que é a árvore é verde então porque você pintou desta cor. Isso porque pintou diferente eu acho importante trabalhar o desenho, assim sem falar assim à volta lá e melhora não. O que significa isso, por que desenhou isso (Lúcia).

Tem algo mais a falar sobre a importância dos desenhos?

Olha assim existe a pergunta sobre aula de artes hoje né a maioria, eu acredito na maioria das escolas é feito assim professores traz aqueles desenhos prontos xerocam o mesmo desenho para todos os alunos, aí pintam, alguns expõem lá, eu acho que muitas vezes não tem muita utilidade deveria assim explorar mais a questão da criatividade da criança, desenhar ela mesmo, deixar ela fazer o desenho dela sem dar tudo prontinho e ela só ali pintar para preencher um tempo (Lúcia).

O que eu percebo...

Inicialmente, Lúcia comenta que o desenho em sua escola primária não era muito usado, mesmo assim lembra que o professor mandava desenhar elementos da natureza e hoje ela reafirma “*eu não sou criativa para fazer desenhos livres*”, mas tenho facilidade em copiar, já criar o desenho “não consigo”.

Também se lembra das aulas de Educação Artística quando o desenho era usado com instrumento de avaliação: “*ela chamava para olhar o caderno e via o caderno e dava nota*”.

Lúcia verbaliza que escolheu a profissão de professor devido a uma atividade de ligar a palavra ao desenho e também como professora utiliza muito o desenho, observando o estado emocional da criança, valorizando o desenho livre.

Também se questiona se é válido um aluno usar cores num desenho que não tem a ver com a “*realidade*” - “*eu acho importante relacionar a cor do desenho e a cor da realidade*”.

Narrativa de Cides (06/02/2009)

São poucas as lembranças, porque na minha época né, eles não abordavam muito desenho, era mais a Matemática e Língua Portuguesa e História, né, desenho era tipo assim algo pra ser destacado no interesse de si próprio. Não tinha professores né, de Educação Artística e aliás não tinha professores específicos para desenvolver essa parte de desenhos com você, inclusive essa época foi uma época que marcou muito até aprendi assim forçado né inclusive teve até situações no caso de Matemática que a gente tinha que aprender a tabuada e a tabuada ela gerava uma disputa entre os alunos da sala, tinha uma palmatória não sei se você conhece, né, um pedaço de madeira redondo, né? E a professora não batia, apenas ela trazia na hora da tabuada, né, ela colocava ao lado da escrivaninha ali, né, que ela ficava atrás aí ela saía perguntando para cada um em relação aos números da Matemática, exemplo: 3x2. Se ela perguntasse pra você e você não acertasse e teu colega acertasse o resultado, o teu colega te acertava com a palmatória. A palmatória era meio complicada, de certo modo a gente aprendia (RISOS)... Sei que hoje é um método bem diferente, mas tipo assim a gente ia para casa com aquela obrigação de estudar Matemática porque no outro dia teria a contraprova tipo uma prova né, uma prova, uma avaliação que ela fazia né. Que, tipo assim,

não era só ela tá bem, eram todos os professores que eu conhecia na época que tinha esse método, principalmente matemático (Cides).

E como professor de Educação Física, utiliza o desenho? Qual sua opinião quanto ao uso dos desenhos em sala de aula?

O desenho eu acho muito importante, que o desenho dependendo do dia que você está triste vira algo que você imagina, ele desperta em você algo que você sonha, assim a realidade que você vive você vê as próprias crianças, por exemplo, se você dá uma coisa, papel e lápis, e fala pra sala desenhar ela desenha que é fato comprovado desenharam o quê? Sua realidade, o pai, a mãe né, num exato momento que se sintam, sua alimentação do jeito que se sentem às vezes alimentação a falta de alimentos e até o próprio desenho; se for analisar bem profundamente você vê assim se a criança é feliz, se ela não é, se tem algo que satisfaça ela naquela faixa etária, naquela idade né, então tipo assim, no desenho a gente consegue perceber né, e não totalmente, nas inspirações, como é o caso aquela criança o que ela é consegue através do desenho você ter o que aquela criança passa por dificuldades que ela passa e outra, através do desenho você consegue se soltar ou até mesmo ser um artista tá bem, eu achei interessante, tá bem eu gosto, aprendi a desenhar sozinho mesmo e faço desenhos até mais ou menos. (RISOS) (Cides)

O que eu percebo...

Cides não tem muitas recordações do uso do desenho na cidade de Traipu/AL. Isso pode se dever ao que, segundo dados vinculados no Programa Fantástico de 1º/03/2009, faz parte das três cidades brasileiras de menor índice de desenvolvimento humano, com sérios problemas sociais e educacionais, ainda hoje. Relatando, ele fala de uma sala de aula onde a violência era constante, diz ele sobre o desenho: “o desenho era pra interesse de si próprio”.

Já, como professor, ele é sensível ao perceber a relação entre sentimentos, afetos, o dia a dia da criança, que poderá ser expresso via desenho infantil, mas não consegue relatar alguma atividade ligada ao uso na aula dele.

4 BUSCANDO APROXIMAÇÕES ENTRE O QUE DIZEM E O QUE EU ME PERGUNTAVA

A pergunta que me levou a pesquisar e que portanto acompanhou este percurso foi: **Qual o valor atribuído ao desenho por um grupo de 5 professores de séries iniciais no Educação Básica?** Para responder tal pergunta utilizei narrativas, tendo como pergunta detonadora: **Tu tens alguma recordação ou imagem de quando estavas na escola primária sobre o uso dos desenhos?**

Percebo que dos 5 participantes desta pesquisa todos valorizam o uso do desenho infantil. Dessa forma, apresento as convergências com os teóricos do estudo do desenho infantil e, sobretudo, teóricos da área da educação que possuem relevância.

Maria, Alessandra, Jasel, Lúcia e Cides, cinco sujeitos, cinco histórias de vida, infâncias vividas em estados diferentes, cidades longe umas das outras, escolas e infâncias vividas, seja em fazendas, ou cidade, mas em comum professores que usavam o desenho em suas aulas; também a escolha pela mesma profissão, ser professor e atuar na mesma escola. Neste sentido, esse grupo caracteriza-se como um contexto cultural específico, pois:

O contexto cultural representa o campo dentro do qual se dá o trabalho humano, abrangendo os recursos materiais, os conhecimentos, as propostas possíveis e ainda as valorações. São a um tempo os dados do trabalho e os referenciais dos dados. (OSTROWER, 1987,p.147)

Encontrei neste contexto educacional e humano narrativas sobre o valor do desenho infantil e através destes dados busco aproximações com minha pergunta de pesquisa.

Foi possível garimpar, através do método das narrativas, o valor que cada um atribui ao desenho, seja através da ponte; passado x presente, adentrando no terreno existencial e imaginário, instaurando, através da exposição oral, o valor do desenho.

Os professores sujeitos desta pesquisa tomaram contato com estas narrativas por escrito, pois cada um recebeu sua narrativa gravada, em forma de texto, para posterior aprovação. Dessa forma, tomaram consciência da própria narrativa e com o modo como atuam em sala de aula.

Talvez não busquem saber teorias sobre o uso do desenho infantil que vou apresentando nesta dissertação, pois como já salientei todos os sujeitos da pesquisa já passaram pela graduação acadêmica e muitos deles já concluíram a especialização *lato sensu*. Talvez não busquem saber teorizações sobre o desenho infantil, mas busquem analisar sua trajetória de aprendizes, tomando contato com seus diálogos por escrito para poderem elaborar outras significações e terem outro olhar para o desenho infantil.

A seguir, trago fragmentos do que disseram, buscando problematizá-los à luz do modo como leio as teorias que sustentaram a referida pesquisa e, sobretudo, fazem ressaltar a potência do que dizem frente à pergunta central deste trabalho: **Tu tens alguma recordação ou imagem de quando estavas na escola primária sobre o uso dos desenhos?**

Estas aproximações e problematizações estão na ordem em que nomeei as professoras e professor, no capítulo 3.

Maria relata que na época de aprendiz o valor do desenho “não tinha aquele valor para ser avaliado psicologicamente”. Neste aspecto, Louis Porcher (1982) nos ensina que o desenho apresenta também elementos capazes de induzir a uma imagem do estado emocional da criança, mas não só isso, ao dizer:

Ao desenhar, a criança expressa coisa bem diferente do que sua inteligência ou seu nível de desenvolvimento mental: uma espécie de projeção de sua própria existência e da dos outros. Eis porque a psicologia projetiva, por exemplo, utiliza muito o desenho das crianças como objetos nos quais **é possível ler** uma personalidade. (p.108)

O autor é bem claro em expressar “é possível ler”; ele não diz, por exemplo, o “desenho é lido”! É interessante que Maria tem uma visão que o valor “*não tinha aquela função psicológica*” de ser lido em sua época de aprendiz, mas pela forma que narra, dá a entender que, em alguma fase de sua formação, certamente acadêmica – seja no magistério ou no curso de Pedagogia ou em suas leituras – ela construiu a idéia de que o desenho infantil pode, sim, ser uma ferramenta de análise psicológica de seus alunos.

Analice Dutra Pillar (2003) propõem-nos diversos níveis de referências para a leitura visual dos desenhos, muito além do estético ou mesmo de análises psicológicas de obras. Propõem e remete-nos a uma postura interdisciplinar:

É preciso garantir à leitura uma contemplação ativa, uma interação que possibilite à obra revelar-se polimorficamente, manifestar seu mistério, o espaço sagrado dos simbolismos que lhes são inerentes. A obra como símbolo requer leituras interdisciplinares. A leitura simbólica nos proporciona enraizamentos e desenraizamentos. (p. 139)

Quanto à folha em branco que Maria relatou, daqueles *“cadernos com papéis finos para copiar desenhos”*, Analice Dutra Pillar (2003) afirma: “A cópia diz respeito ao aprimoramento técnico, sem transformação, sem interpretação, sem criação” (p.18). Ou seja, copiar desenho naqueles cadernos que Maria usava na sua infância, nada mais é, segundo Pillar, que uma técnica sem qualquer interpretação e sobretudo sem criação, sem reflexão; talvez seja apenas um exercício de passar o tempo. Neste viés, é extremamente radical Viktor Lowenfeld, um grande clássico do estudo do desenho infantil; refiro-me à radical, pois ele afirma na obra *“Desenvolvimento da Capacidade Criadora”* (1977) algo que, para mim, como ex-professor de escola primária, que também utilizou o desenho nesse viés de trabalho pedagógico em sala de aula.

Usar atividades do tipo cestinhas de Páscoa, onde a criança tem que recortar, ou fazer decoração de natal já planificada, são atividades perniciosas à capacidade criadora, são atividades pré-solucionadas que obrigam a criança a trabalhos imitativos e inibem a sua própria expressão criadora, estes trabalhos não estimulam o desenvolvimento emocional, visto que qualquer variação produzida pela criança só pode ser um equívoco, não incentivam as aptidões, porquanto estas se desenvolvem a partir da expressão pessoal. Pelo contrário, apenas servem para condicionar a criança, levando-a a aceitar, como arte, os conceitos adultos, uma arte que é incapaz de produzir sozinha e que, portanto, frustra seus próprios impulsos criadores. (p. 71)

E, mais adiante, sugere na mesma página: “Utilizar esses recursos é melhor não utilizar nada e nada fazer e não dar aprendizagem alguma” (LOWENFELD op. cit., p.71).

Neste sentido, sugere-nos uma pedagogia na qual o desenho e a própria visão de mundo do aluno seja criada. Por exemplo, por que não criarmos em sala de aula um ambiente onde o aluno construa sua própria cestinha de Páscoa? Sem aquele estereótipo mimeografado para todos? Sua própria decoração de Natal, sem aquelas

tarefas de colar algodão em rostos de “papais noéis” que em geral se usa em sala de aula em nome de uma atividade artística importante e em datas comemorativas.

Acima referi-me como Maria relatou o valor do desenho infantil na época de aprendiz. A partir de agora tento buscar elementos para compreender como Maria utiliza e que valor tem o desenho em sua prática pedagógica.

Iniciando o relato, ela diz que usa o desenho, mesmo que haja um lugar do desenho. Esse lugar seria a aula de Artes, provavelmente. Mesmo ela não relatando, há nas aulas dela o professor específico de artes; portanto, não seria o desenho infantil parte da aula dela. Mesmo assim, afirma: *“Se não tiver um desenho a criança não vai se empolgar”* ao se referir às tarefas diárias.

Os dois sistemas usados por Maria, que são o desenho e a escrita na mesma tarefa é algo que, segundo Emilia Ferreiro (1986): “A primeira distinção entre “o que é figura” e “o que não é figura” é de fundamental importância para a constituição da escrita”. (p.40).

Segundo a autora, é de fundamental importância a referida distinção para a constituição da escrita. Isto porque, “as letras têm a função de representar as propriedades fundamentais dos objetos que o próprio desenho não consegue representar”, também Ferreiro apresenta três diferentes sistemas de representação além do que Maria utiliza em suas aulas, desenho e a escrita. Ela apresenta-nos os números também como o terceiro sistema de representação. Vejamos o exemplo citado por Maria sobre o NAVIO, *“Ele não sabe escrever navio completo, mas ele já escreve a metade, ele escreve o “a” e o “o” “u” com valor sonoro ele escreve a metade ele escreve o “a” e “u” as vogais, se ele tiver um desenho mais simples, uma bola, por exemplo, ele já escreve a palavrinha e assim vai indo”*.

Vai indo! Pareceu-me uma expressão interessante, talvez profunda do ponto de vista de Maria, uma mulher que olha nos olhos e que através do uso do desenho em sala de aula tem um importante aliado na tarefa de ensinar a linguagem escrita a partir do uso do desenho em sala de aula para dar a oportunidade do aluno *“ir indo”*.

Penso que Maria deixa uma mensagem que mudou sua prática pedagógica ao longo do tempo e hoje dá mais liberdade ao aluno. Neste aspecto de liberdade ao aluno Lowenfeld (1977) comenta:

A criança emocionalmente livre, desinibida, na expressão criadora, sente-se segura e confiante ao abordar qualquer problema que derive de suas experiências. Identifica-se, estritamente, com seus desenhos e tem liberdade para explorar e experimentar grande variedade de materiais. Sua arte encontra-se em constante mudança, ela não receia cometer erros nem se preocupa, a respeito da nota que recebera por esse exercício (p.39).

E assim Maria encerra a sua última frase da narrativa sobre o valor do desenho: *“Os desenhos iguais e prontos, não faço mais isso. Entendeu?”* (Maria).

Com Alessandra re-encontramos uma coisa fundamental para uma criança que inicia seu aprendizado: as lembranças agradáveis em relação ao desenho. Ela salienta que se lembra de um desenho, que remete a uma paisagem de fazenda no Mato Grosso do Sul, e nos diz: *“pelo fato de eu estar na fazenda e não conhecer, então minha curiosidade era despertada, eu imaginava como será que era”?*

Relatando assim uma imaginação criadora e posteriormente projetando imagens no papel, em forma de desenhos e de como é a cidade e de como são as coisas que se ouve falar. Neste sentido, Pillar nos sugere que: (2003)

A imaginação criadora permite à mente infantil percorrer caminhos que conduzem a outros tempos e espaços. Dinâmica da sensibilidade que permite descobrir realidades insuspeitas e mundos novos, tornando-se meios diretos de aprendizagem ao transportar a criança a uma temporalidade fictícia e a um espaço interior maravilhoso, conduzindo-a do conhecido ao desconhecido. (p.197)

Neste sentido, para Alessandra, desenhar era um meio de expressão da imaginação, indo ao encontro das teorias do imaginário e do conhecimento indireto, um dos conceitos da hermenêutica instauradora, propostos pelo antropólogo Gilbert Durand, onde você pode, como diz Pillar, ser conduzido do conhecido ao desconhecido ou do desconhecido ao conhecido.

A consciência dispõe de duas maneiras para representar o mundo. Uma direta, na qual a própria coisa parece estar presente no espírito, como na percepção ou na simples sensação. A outra indireta quando, por esta ou por aquela razão, a coisa não pode apresentar-se em carne e osso à sensibilidade. (DURAND, 2000, p.07)

Verificamos isso quando Alessandra projeta no papel um mundo que não conhece, um mundo de que só ouve falar, e que Alessandra consegue expressar no papel através de desenho e criar “esse mundo não conhecido”, expressando-se dessa forma e se apropriando do mundo que a cerca. Neste caso, o conhecimento indireto foi para ela uma forma de ver o que existe na cidade e também a forma com que valoriza o

desenho infantil a ponto de finalizar a primeira parte do diálogo dizendo: *“Eu não digo boa desenhista, mas assim na questão de pinturas e de riscos assim, eu me saio bem”*.

Certamente, essa habilidade que ela nos relata tem muito a ver com a liberdade que tinha nas suas aulas e na sua vida familiar, cercada de professoras que muito a estimularam a ter esse olhar em relação a seus próprios desenhos e a seu modo de ver o mundo que a cerca, de forma firme e segura, desinibida em relação aos seus próprios desenhos.

Outra característica de Alessandra com os desenhos de seus alunos é que eles vão guardando os desenhos do início do ano e ela vai mostrando a evolução que o aprendiz teve antes de chegar à escola e o atual momento, como diz: *“olha como você tá desenhando agora”*?

Mostrando que também valoriza os aspectos de desenvolvimento gráfico de um estágio ao outro, fazendo o aluno lembrar o contexto em que esse desenho foi desenhado no passado e também rever sua evolução gráfica tanto na representação do espaço como na representação da pessoa, bem como verificando como seu repertório gráfico foi se enriquecendo, bem como o valor da evolução cognitiva através dos desenhos.

E Jasel, a diretora da escola, ressalta que o lugar dela é o da professora. Assim diz: *“mas eu creio que nunca vou deixar de pensar e agir como professora”*. Parece que esta expressão denota sua identidade como professora, deixando bem claro que se sente professora e sempre está ligada ao cotidiano pedagógico da escola que administra. Sobre isso António Nóvoa (2004), ajuda-nos a pensar a identidade docente quando, ao analisar o processo identitário dos professores, nos apresenta que:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor e vice-versa. (p34-35)

Ela apresenta-nos a imagem-lembrança de sua sala de aula na infância, a qual nos pareceu uma sala de aula onde os desenhos pareciam *“petrificados na parede”*, trazendo assim, as figuras que faziam parte da decoração da sala de aula, mostrando que eles ainda fazem parte de sua memória. Relata, através de sua fala, os elementos ali desenhados com riquezas de detalhes, *“eu quando fecho o olho, aí eu associo é a*

professora, o desenho, a escola”, mostrando que essas imagens estão bem atuais em sua memória.

Ao observarmos escolas infantis ou até mesmo as de educação básica, vemos nas paredes cenários de pinturas e figuras distribuídas no espaço escolar, onde, de certo modo, apresentam-nos uma narrativa cenográfica na escola. Talvez o intuito seja buscar criar um espaço agradável às crianças, pois geralmente as figuras usadas são, como explicita Jasel, figuras conhecidas das crianças. Diz ela: *“Bambi e figuras da literatura infantil”*

As recordações dos cenários infantis, em especial da sala de aula, fazem parte de um repertório muito rico e atual. Eu mesmo, ao narrar minha sala de aula, lá, no capítulo um, apresento ao leitor uma sala de aula com bonecas de pano, com o desenho dos quatro quadrantes representando diferentes aspectos climáticos através de desenhos. Portanto, Jasel, ao narrar sua sala de aula apresenta o valor desses elementos simbólicos fazendo ela uma leitura de sua sala de aula de acordo com um padrão, ligado à literatura infantil. Como ela nos apresentou certamente escolhas ligadas à instituição da qual essa sala faz parte e a valores ideológicos; assim ela apresenta a instituição a qual estudou e a qual a família do aluno se honrava em fazer parte.

Uma instituição austera, com salas de aula alegres, com cores alegres, com um uniforme onde até: *“a pocheteinha era do mesmo tecido que a saia”*. Neste sentido, ela relata a importância fundamental de se fazer o teste do Q.I. e, através do desenho, eram selecionados os alunos. Assim ela relata: *“era usado o desenho para ver em que estágio a criança estava”* e, mais adiante, *“era um privilégio estudar naquela escola”*, mostrando claramente que o uso do desenho infantil na referida instituição era para selecionar os dotados de recursos intelectuais superiores aos da média, certamente uma escola hábil nas relações de poder que esquematicamente seleciona os melhores alunos, do ponto de vista da escola.

Atuando como professora, Jasel, que trabalhou em uma escola particular em Campo Grande, ainda na época em que morava no estado do Mato Grosso do Sul, conheceu o Método Natural, que utilizou por 13 anos seguidos. Basicamente segue um método apresentado por Célestin Freinet, pós segunda guerra mundial, na região de Cannes, França e conjuntamente com o método Decroly, na Bélgica, reformulam o modo de pensar a Pedagogia:

A nossa Pedagogia tem a pretensão de ser mais simples do que a Pedagogia tradicional, pois é natural, quer dizer, baseia-se nos princípios e nos comportamentos do bom senso que qualquer um que possua este bom senso compreende e admite em lugar de punir e mandar na criança, é insuflada na criança a confiança. (FREINET, 1975, p.120)

O método natural trabalhado por ela possibilitou encontrar, através de uma atividade de desenho infantil e de “conhecimento indireto” (Durand, 2000), sentimentos de um determinado aluno em relação ao pai. Com bom senso, Jasel observou no desenho tais processos sentimentais, para depois trabalhar com esses sentimentos negativos conjuntamente com o pai. Neste caso, o valor do desenho está também ligado à análise psicológica de um estado emocional ao falar: *“neste desenho, pelo menos essa criança colocou todo o sentimento negativo em relação ao pai.”* Mostrando assim que o valor do desenho infantil está diretamente ligado ao estado emocional e uma forma de expressão gráfica da criança.

Outra atividade em relação ao desenho e a forma de expressão, mas agora com adultos, foi em uma reunião de pais onde ela usou uma dinâmica de entregar os desenhos produzidos pelos pais, em um grupo. Ela *“Fazia cara de quem nem estava a fim de ver, em contrapartida para alguns pais eu falava: nossa, que lindo! Depois comentei com eles sobre esses sentimentos e a reação que cada pai teve ao entregar o desenho”*. Em seguida, fez uma revisão dessa dinâmica e buscou a percepção de cada um dos dois grupos e fez uma relação com a forma com que os pais veem os desenhos de seus filhos.

A outra professora, Lúcia, inicia sua narrativa mostrando que não tem muita criatividade para desenhos livres, possui mais facilidade em copiar desenhos, também afirma não ter grandes recordações do uso do desenho em sua infância, mas lembra que a professora *“mandava desenhar, nos cadernos de desenhos”*. Neste sentido, a fala dela está carregada de elementos em que o desenho não era algo espontâneo para a criança, pois a professora mandava desenhar. Neste sentido, Henri Wallon (1979) nos diz:

Discípulos de Rousseau, pretendem que o educador se limite a suscitar na sua frente as ocasiões de fazer observações ao alcance de sua idade, de exprimir a sua opinião, a sua memória, e sobretudo de manifestar os seus gostos, de desenvolver livremente a imagem que faz das coisas utilizando a descrição, a narração, o desenho, de manifestar os seus dons criadores que o adulto muitas vezes apaga impondo-lhe a sua própria visão abstracta e descolorida do Universo. (p.227-228)

Ao mostrar que pouco se lembra da utilização do desenho a não ser os cadernos para cópia, nos apresenta um pensamento e uma Didática onde o professor, assim como nos apresenta Henri Wallon, está mais interessando que o aluno tenha uma visão de gostos de acordo com a ideologia do próprio professor, que escolhe o que é bom para ser copiado ou mesmo apontado como arte, ou modelos de estética aceitos na sala de aula de Lúcia, quando no momento de aprendiz.

Em outro momento Lúcia revela-nos que o motivo dela ser professora foi uma atividade de desenho infantil, quando Lúcia tinha que ligar as vogais *“à palavra que iniciava com ela”*. Esse foi um momento em que Lúcia pôde confiar na professora e estabelecer vínculos afetivos e, sobretudo, segurança na execução da tarefa. Um processo estabelecido através desta atividade, um equilíbrio emocional a ponto de parar de chorar. Neste sentido de equilíbrio emocional e sobretudo de segurança para escrever, Emilia Ferreiro (1986) nos apresenta:

Se uma criança está bem lateralizada, se seu equilíbrio emocional é adequado, se tem uma boa discriminação visual e auditiva, se seu quociente intelectual é normal, se sua articulação é também adequada, então é provável que aprenda a ler e a escrever sem dificuldades. Em suma: se tudo vai bem, também a aprendizagem da leitura e da escrita vai bem. (p.26)

A professora, ao lembrar-se daquele momento em que afetivamente sentiu a segurança para ligar o desenho à escrita das sílabas, sentiu-se acolhida e livre para construir e organizar seu repertório gráfico (os desenhos) com o silábico (as sílabas da referida tarefa). Dessa forma, houve uma aprendizagem significativa para ela como aluna; portanto, para ela o valor do desenho está diretamente ligado à escrita silábica.

Em seguida, ela nos apresenta uma narrativa até de certo modo longa, do ponto de vista do todo da narrativa, mostrado assim um grande valor para ela e certamente um assunto que ela domina ou pelo menos valoriza, e muito!

“Até pelo desenho você analisa a personalidade da criança”, mais adiante nos relata: *“Quando ela é calma ela escolhe cores suaves para pintar”* e, posteriormente, questiona-se: quando uma árvore é verde e a criança não pinta de verde *“eu me questiono até que ponto devemos deixar a criança pintar da cor que ela quer?”* Percebemos fortemente o conflito que o professor, neste caso, coloca-se frente ao que chamamos de real e de irreal ou fantasia.

Talvez, sobre isso, os cursos de Formação de professores poderiam ater-se mais e melhor. Inclusive para dar conta do que se vem discutindo sobre a importância do desenho como propulsor de outro modo de construir conhecimentos.

A exemplo do que Machado da Silva (2003) defende quando ressalta que o real é imaginário e o imaginário é real ou ainda como diz em outra obra (2006): “Essa passagem do mesmo ao mesmo tem como principal consequência uma revolução no olhar, um choque perceptivo, uma transformação da maneira de ver, uma mudança de sensibilidade”. (p.180)

Cides, ao fazer sua narrativa, já nos avisa, “*são poucas as lembranças*”, inclusive na escola em que estudou era dado mais valor às outras disciplinas do currículo que se julgavam mais importantes que o desenho; também relata uma sala onde a violência era uma constante; o aluno que errava um resultado na matemática era agredido pelo colega, certamente essa forma de competição não era para estimular o sucesso e sim para punir o erro.

5 CONCLUSÃO OU POSSIBILIDADES DE FECHAMENTO?

... Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu. **Toquinho e Vinicius de Moraes**

Ao chegar ao final destes dois anos de percurso, volto-me aos meus anos iniciais lembrando o quanto foi importante imaginar e criar quando não me sentia pertencendo à sala de aula. Os selos, naquele momento, levavam-me num instante a imaginar outras formas de aprender e até a ver “uma linda gaivota a voar no céu”, parafraseando Toquinho e Vinicius de Moraes. Com isso, reforço a idéia que esteve presente ao longo desta escrita: minha trajetória como aluno, a presença da Prof^a Gessi e meus ensaios como aprendiz de professor foram fundantes para construir este objeto de estudo. Nele, busquei estas convergências como motores das minhas representações, especialmente para perceber e visibilizar o que outros sujeitos professores pensavam sobre o desenho em sala de aula.

Procurei mostrar, ao longo da dissertação, o balizador do que me move a pesquisar, tendo minhas próprias experiências como ponto inicial, bem como minhas curiosidades como profissional da área da Educação com formação em Psicopedagogia, partindo do princípio de que o desenho infantil é um potente meio de ensino, levando a me questionar por que grande número de crianças gosta de desenhar e de se expressar através da pontinha do lápis, mesmo quando ainda não dominam a escrita alfabética?

O foco principal de minha pesquisa foi buscar, nas vivências escolares dos professores, os reservatórios de seus imaginários. Tinha como pressuposto de que tais vivências poderiam influenciar as valorizações das práticas pedagógicas; neste caso, o desenho infantil foi o foco principal.

Para tal, mobilizei as lembranças dos meus sujeitos sobre o valor que atribuíam a partir da pergunta: **como utilizas o desenho em tua sala de aula?** Adentrei em suas salas de aulas, através da pergunta e do que me narraram. Isso para mais saber e compreender a relação entre as lembranças e a atual prática pedagógica.

Tal indagação, por certo, fez parte do meu dia a dia como professor de Educação Básica, o que já relatei no capítulo primeiro, no qual, através da minha

ação docente do lado de lá da mesa (a mesa do professor), fui percebendo a potência e o valor do uso do desenho nas atividades em sala de aula, como forma do aluno, ao lado de cá da mesa (a mesinha do aprendiz), vai se apropriando de conhecimentos por intermédio das atividades. Isso é o que vimos estudando, em especial a partir de Gilbert Durand, como conhecimento indireto. No caso, o desenho infantil como meio de desenvolver e expressar outros modos de construção e de apropriação do conhecimento pela via do imaginário.

Durante a realização deste trabalho de pesquisa fui confrontando meus aprendizados com as teorias do imaginário, lembrando minhas atividades em sala de aula e, desse modo, refletindo minha trajetória educativa e prática pedagógica, tanto do lado de lá, como do lado de cá da mesa; percebendo o quão importante é o lugar que move o pesquisador. Como isso, reforço a idéia preconizada por Machado da Silva, ao referir-se sobre o imaginário como “um reservatório e um motor”. Penso que se clarifica a percepção de que essa força afetiva que tem raízes na infância é também o impulso para a priorização de conteúdos e criações futuras.

Foi possível perceber nas professoras e no professor, sujeitos desta pesquisa, que a valorização (ou não) do desenho está permeada pelas influências de suas trajetórias de aprendizagem. A partir dos dados pode-se inferir que o desenho como um apoio pedagógico não está suficientemente internalizado e objetivado nas suas práticas. Por outro lado, ele aparece como um adereço para tornar a sala de aula mais bonita. Nesse sentido, a pesquisa reforçou o que outras já disseram sobre o quanto as lembranças e as imagens sobre o que aprendemos, em especial nos anos iniciais, são importantes para as aprendizagens posteriores e, sobretudo, para as escolhas que fazemos ao longo da nossa jornada pessoal e profissional.

Nesta perspectiva do imaginário como reservatório e motor que pode influenciar o vetor de nossas ações futuras ou pelo menos nuances de valores e escolhas não racionais e, sim, forças afetivas que estão arraigadas em nós. Portanto, a pergunta detonadora nesta pesquisa veio auxiliar e tentar responder sobre o valor do desenho em sala de aula.

A esta altura, devo dizer que estou feliz e satisfeito com os achados da pesquisa, pois cada um dos professores de sua forma apresentou a infância rememorada, bem como conseguiram verbalizar como era usado o desenho na sua época de aprendiz. É possível que minha presença e minha “pergunta detonadora” venham contribuir para que o desenho na sala de aula destes cinco professores,

possa ser o motor para que também elas e ele pensem suas práticas e também deem maior visibilidade sobre o uso deste tipo de conhecimento, que chamamos de indireto; neste caso, o desenho.

De acordo Minayo (1992), a apreciação qualitativa dos dados de uma pesquisa pode ser caracterizada como uma tendência para ultrapassar o meramente descritivo do conteúdo manifesto. Reforço, assim, a idéia que fui trilhando neste trabalho, qual seja, fazer inferências interpretativas, bem como ao fazer estas inferências, de algum modo estou filiado a um processo com vistas ao projeto autoformativo defendido por Josso (2004). Isso porque minha história foi a motivação que me levou a buscar no outro, partes de mim que careciam de apropriação. Desse modo, as minhas vivências escolares se tornaram, efetivamente, autoformadoras. Tal movimento pode também contribuir para que meus sujeitos pensem (e também outros professores) sobre o quanto as vivências escolares podem influenciar valorizações futuras, no momento em que tiverem acesso à escrita desta dissertação.

Desbravar esse universo de sentidos e significações, no âmbito de minha pesquisa, relativamente aos sujeitos que voluntariamente se apresentaram a mim, foi, por suposto, a tarefa fundamental de meu trabalho de dissertação. Pensar nesta busca de dados, nesta confrontação entre passado, presente, neste constante “atravessar a ponte” e estes conteúdos manifestos referentes ao valor e ao uso do desenho infantil, fez emergir novos apontamentos e reflexões, principalmente em relação à formação de professores.

Do ponto de vista do formado professor de Educação Básica, com elas e com ele, atrevo-me a dizer que o valor dado aos desenhos no momento da formação, ainda hoje, tem sido pautado como forma de análise psicológica da personalidade, o que implica numa redução, onde há primado de uma visão linear e comportamentalista, deixam de lado os processos internos do indivíduo, tão fundantes para aprendizagem quanto os externos.

Mesmo sem adentrar com profundidade no campo da formação docente neste momento, apenas quero deixar esta pista, partindo dos meus achados de pesquisa para ressaltar a importância da formação do professor que atuará na Educação Básica, lembrando da potência que há no desenho infantil como um meio para enriquecer o ensino desde os diferentes conhecimentos da grade curricular.

Neste ponto volto aos meus quadrantes, como uma atividade pedagógica que trouxe um resultado que veio dar conta de um outro modo de construir

conhecimentos. A técnica dos quadrantes foi um achado em minha prática pedagógica, o momento em que percebi o valor e a potência do desenho das crianças como momento de transcrição do imaginário, bem como uma técnica simples de trabalhar e motivar meus alunos a produzirem algo significativo em relação aos conteúdos que deveriam ser vistos ao longo do ano letivo.

Enfim, apesar de lançar sugestão, tenho nesta dissertação de mestrado o relato de um grupo de professores que utilizam o desenho em sala de aula e buscam no dia a dia trabalhar com seus alunos e com suas produções, mostrando que as diversas formas de linguagens são importantes em sala de aula e que o desenho infantil faz parte de nossas vidas, principalmente quando somos aprendizes.

Finalmente, reitero que o intuito principal foi o de tornar visível o valor que atribuíam ao uso do desenho infantil em sala de aula, tendo nas lembranças de suas trajetórias educativas as matrizes potenciais (PERES, 1999) de reservatórios frente possíveis valorizações do imaginário como fonte de ensino e de aprendizagem. Ao contrário do que podemos perceber na trajetória educativa da professora Maria, usado como instrumento de parâmetro de avaliação psicológica. A contribuição desta dissertação é salientar o quanto as biografias educativas, presentes na trajetória de professores e professoras, quando do lado de lá da mesa, como aluno, poderá valorizar e reatualizar, na futura profissão, os modelos bem sucedidos. Neste caso de estudo, o reconhecimento do desenho como conteúdo simbólico e propulsor de modalidades prazerosas que advêm do imaginário

BIBLIOGRAFIA

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o grafismo** – desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.

_____. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. 6.ed. Lisboa: Edições 70, 2000.

EDUCAÇÃO E REALIDADE. Porto Alegre: UFRGS. vol. 30, n° 2., julho-dezembro de 2005.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FERREIRO, Emilia *et al* (orgs.). **Piaget e Vigotsky** – novas contribuições para o debate. 4.ed. São Paulo: Ática, 1997.

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da escola moderna**. 4.ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

FREINET, Élise. **Nascimento de uma pedagogia popular**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

FREIRE, Paulo; BETTO Frei. **Essa escola chamada vida** – depoimento ao repórter Ricardo Kotscholo. 4.ed. São Paulo: Ática, 1986.

JUNG, Carl Gustav. **Sincronicidade**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo: Hucietec-Abrasco, 1992.

_____. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In DESLANDES, Suely Ferreira; MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al*. **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MACHADO DA SILVA, J. **As tecnologias do imaginário**. In: PERES, Lúcia Maria Vaz. *Imaginário: o entre-saberes do arcaico e do cotidiano*. Pelotas: UFPel, 2004.
MARQUES, Mario Osório. **A formação do profissional da educação**. Ijuí: Ed.Unijuí, 2000.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. São Paulo: Papirus, 2004.

OSTROWER Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

OLIVEIRA, Vera Barros. **O símbolo e o brinquedo**: a representação da vida. Petrópolis: Vozes, 1992.

PERES, Lúcia Maria Vaz. **Dos saberes pessoais à visibilidade de uma pedagogia simbólica**. Porto Alegre: 1999. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. **Os saberes pessoais “no tempo” de uma pedagogia simbólica**. In: *Cadernos de Educação*. Cuiabá: UNIC, 2005.

_____. **Imagens que coabitam nas aprendizagens de professoras**: reflexões para a formação inicial. In PERES & PORTO (orgs.). *Tecnologias da educação: tecendo relações entre imaginário, corporeidade e emoções*. Araraquara: Junqueira e Marin, 2006.

_____. **Significando o “não aprender”**. Pelotas: Educat, 1996.

_____. **Os muitos modos de ler e pensar: algumas bases teóricas fomentadoras da pesquisa na formação de professores**. In SOMMER, Luís Henrique; QUARTIERO, Elisa Maria (orgs.). *Pesquisa, educação e inserção social: olhares da região sul*. Canoas/ Florianópolis: Ed. ULBRA/ UDESC, 2008.

PIAGET, Jean. **A formação do Símbolo na Criança** - imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PICOLI, Fiorelo. **O capital e a devastação da Amazônia**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como sistema de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **A educação do olhar no ensino das artes**. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

POUTET, Yves; PUNGIER, Jean. **La Salle e os desafios de seu tempo**. Canoas: La Salle, 2001.

PORCHER, Louis. **Educação artística**: luxo ou necessidade? São Paulo: Summus Editorial, 1982.

SOUSA, Edson Antonio de. **Sinop**: história, imagem e relatos – um estudo sobre a colonização de Sinop. Mato Grosso, 2001. Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal do Mato Grosso.

STENHOUSE, L. **La investigación como base de la enseñanza**. Madri: Morata, 1987.

VEIGA, Ilma P. A.; CUNHA, Maria Isabel da (orgs.). **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas: Papirus, 1999.

WARSCHAUER, Cecília R. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da criança**. Lisboa: Editorial Veja, 1979.

ANEXO

Autorização para coleta de dados na Escola Menino Jesus

